

## Interconectividades: antropologia & museus, um campo em movimento

Antonio Motta<sup>1</sup> 

Izabela Tamaso<sup>11</sup> 

### Introdução

Este artigo se propõe a revisar a produção antropológica sobre museus nos últimos dez anos (2009–2019). A empreitada de um balanço dessa natureza não deixa de ser um desafio na medida em que essa produção de conhecimento, quando comparada a outras áreas de pesquisa, é relativamente recente e sua organização sistemática no âmbito das ciências sociais, especialmente na antropologia, data praticamente dos últimos decênios do século XX. Além disso, boa parte dela encontra-se difusa em revistas não necessariamente especializadas na área da antropologia, em dossiês temáticos, livros e coletâneas, monografias, dissertações, teses e textos apresentados em simpósios, congressos e outros canais da comunicação acadêmica.

Enquanto critério organizativo e analítico, o reagrupamento temático do material analisado, relacionado a antropologia e museus, é sempre uma tarefa arriscada. Isso porque determinados temas se entrecruzam e até se ramificam, algumas vezes se aproximam e outras não. Assim como em toda revisão bibliográfica, a sua abrangência impõe certas clivagens, o que exige alguns recortes

e limites conforme as estratégias perseguidas. Desse modo, buscou-se, na medida do possível, mapear algumas tendências mais recorrentes e outras insurgentes nas últimas décadas. A opção de análise adotada é qualitativa, orientada por critérios cronológicos.

Embora a classificação proposta dialogue com algumas tentativas de rastreamento anteriores, o propósito deste levantamento responde a critérios elaborados pelos autores deste balanço em razão do material pesquisado e analisado. Por essa razão, preferiu-se organizar temas em torno de suas recorrências ao invés da identificação a eixos conceituais. Recorrências temáticas foram inferidas com base em indicadores que correspondem a campos de pesquisas empíricas e, com isso, evitou-se o enquadramento dessa produção a tendências teóricas como critério classificatório. Nos limites desse trabalho não foram analisadas perspectivas teóricas utilizadas pelos autores, em alguns casos apenas referenciadas.

Embora o período analisado seja preferencialmente os últimos dez anos, isso não se tornou fator impeditivo de cotejar com a produção de anos anteriores, o que permite melhor identificar continuidades e mu-

---

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pernambuco – Recife (PE), Brasil. E-mail: antonio-motta@uol.com.br

<sup>11</sup>Universidade Federal de Goiás – Goiânia (GO), Brasil. E-mail: belatamaso@gmail.com

Recebido: 25/06/2020. Aprovado em: 19/09/2020.

danças nos temas pesquisados, assim como acompanhar e avaliar comparativamente o crescimento dessa produção com base em um conjunto mais amplo.

Convém também assinalar que se analisou a produção de conhecimento antropológico sobre museus com base em alguns critérios:

- publicações impressas e digitais organizadas pelo Comitê de Patrimônio e Museus da Associação Brasileira de Antropologia (ABA);
- capítulos publicados em livros diversos; e
- artigos em periódicos de antropologia e/ou museologia e de algumas áreas afins, entre os de maior relevância e, quando possível, avaliados pelo sistema Qualis da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Em razão dos próprios limites deste balanço, a produção de dissertações e teses nos programas de antropologia e de áreas afins foram consultadas e não analisadas, servindo como indicadores numéricos de expansão da área. Do mesmo modo, os trabalhos publicados em anais de reuniões e congressos foram apenas consultados quantitativamente, o que sinaliza uma crescente ampliação dessa área, notadamente nos últimos dez anos.

Para o rastreamento de palavras-chave, utilizou-se temas que derivam de uma especificidade antropológica e de interfaces correlatas com museus. Como critério de busca, utilizou-se bases digitais em bibliotecas, com menções à palavra “museus” nos trabalhos acadêmicos selecionados e sua respectiva associação com a palavra “antropologia”, de modo a corroborar a inserção de cada trabalho dentro da perspectiva da antropologia dos museus. Além disso, o mapeamento de títulos dos livros e dos ar-

tigos foi correlacionado aos autores e coautores sugeridos.

O artigo se estrutura em sete tópicos. O primeiro tópico focaliza a reaproximação da antropologia com os museus, tendo como ênfase mudanças operadas ao longo do tempo, a considerar os museus como um locus privilegiado da diversidade socio-cultural no país. O segundo tópico trata do período de expansão do campo museal com base na criação de políticas culturais favoráveis, na criação de novos cursos de museologia, no papel institucional desempenhado pelo Comitê de Patrimônio e Museus da ABA e em condições que permitiram a consolidação de uma produção de conhecimento sistemática sobre antropologia e museus. O terceiro tópico focaliza a importância do diálogo travado entre antropologia, museologia e áreas afins voltadas para o entendimento dos museus como fenômenos socioculturais relevantes. O quarto tópico busca revisitar, situar e contextualizar cronologicamente, ao longo das últimas décadas, diferentes narrativas sobre o campo da antropologia dos museus, dialogando com tentativas de balanços anteriores. O quinto tópico examina a produção dos últimos dez anos buscando estabelecer interconexões temáticas com o conjunto da produção analisada. O sexto tópico analisa algumas tendências mais recentes, identificando rupturas e continuidades, e o sétimo e último tópico sugere novas tendências de abordagem temáticas.

### **Quando antropologia e museus se reencontram**

As afinidades eletivas entre antropologia e museus são irrefutáveis e, de certo modo, inseparáveis da própria história da antropologia. Apesar disso, as instituições museais

não ficaram incólumes às revisões críticas por parte de antropólogas e antropólogos que têm se debruçado sobre os mais diversos enfoques ao mesmo tempo em que buscam repensar abordagens já existentes com base em novas perspectivas.

Na antropologia brasileira, um dos primeiros a chamar a atenção para a reaproximação mais recente entre antropologia e museus foi José Reginaldo Santos Gonçalves, em artigo publicado em 2005 no *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais* (BIB). Nele, Gonçalves traça um amplo panorama sobre coleções, museus e patrimônios sob a perspectiva teórica e analítica de uma antropologia dos objetos. Adverte o autor que concomitantemente à reaproximação dos antropólogos com os museus, verifica-se:

um trabalho de problematização sistemática (e denúncia) do papel desempenhado por essas instituições enquanto mediadores sociais, simbólicos e políticos no processo de representações ideológicas sobre diversos grupos e categorias sociais, especialmente aqueles que foram tradicionalmente eleitos como “objetos” de estudo da antropologia (Gonçalves, 2005, p. 10).

Com efeito, algumas mudanças conceituais se sucederam cronologicamente no campo da história da antropologia e dos museus, possibilitando revisões críticas e teóricas que têm permitido à antropologia lançar novas perspectivas de interpretação sobre os museus. Ao longo do tempo, mudanças paradigmáticas sobrevieram: modelos taxonômicos serviram como ferramentas importantes para o evolucionismo, sendo utilizados para inventariar coleções de objetos nos museus.<sup>1</sup> Com o apogeu culturalista,<sup>2</sup> os acervos etnográficos foram convertidos em marcadores singulares de determinadas culturas e, mais recentemente, conforme assinala Regina Abreu, Manuel Ferreira Lima Filho e Renato Athias (2016, p. 7), prepondera a tendência revisionista de considerar os “museus como sintoma de práticas sociais e de poder”.

Inicialmente identificados como projetos de construção da nacionalidade, alguns museus adquiriram no presente novos significados sociais e políticos e, por isso, já não são pensados unicamente como espaços de produção de memórias nacionais hegemônicas nem como lugares para conservação de relíquias e de conhecimentos perdidos em épocas passadas, alinhados ao ideal civilizatório da nação — prática então recorrente

---

1 No século XIX, esse tipo de museu foi marcado pelo apogeu do colecionismo etnográfico, por meio do qual foi possível identificar, classificar e reconhecer diferentes tipos de povos graças a inventários sistemáticos de suas culturas materiais. Foi nessa época que a pesquisa antropológica deu ênfase ao estudo descritivo e comparativo de culturas materiais e, por isso, as coleções etnográficas se prestaram como fontes do conhecimento científico para investigar processos evolutivos da espécie humana. Guiados por critérios evolucionistas, os objetos eram classificados e catalogados de forma unilinear e não contextual, sendo ressaltadas suas qualidades funcionais externas. Sobre o assunto, consultar Stocking (1985) e Abreu e Russi (2018).

2 Sob a influência de Franz Boas, os acervos etnográficos começaram a ser classificados e organizados em razão do contexto original a que pertenciam — isso baseado no princípio de que cada cultura continha em si seus próprios valores e sua própria história. Com isso, buscou-se preservar as múltiplas funções e significados dos objetos e de suas morfologias, sendo os artefatos considerados não apenas pelo seu valor estético, mas, sobretudo, pelo valor de uso, de técnicas de fabricação, de transmissão de saber e importância enquanto expressão ou testemunho de determinada cultura. Por outro lado, isso permitiu também que tais objetos pudessem estabelecer relações de filiações entre elementos semelhantes, embora provenientes de culturas diferentes. Sobre o assunto, consultar Motta (2018b, p. 343-350).

nos primeiros museus construídos no Brasil, na segunda metade do século XIX.<sup>3</sup>

Mais recentemente, o que tem preponderado com maior frequência entre as instituições museais é a fragmentação de grandes narrativas, que geralmente urdiam construções discursivas e expográficas sobre uma identidade nacional que se queria hegemônica. Isso porque desde a segunda metade do século XX o projeto político de uma unidade étnica nacional foi contestado, do mesmo modo que suas formas de representações monoétnicas e monoculturais da sociedade nacional que objetivavam apagar as diferenças culturais (Motta, 2018c).

Com isso, o ponto de inflexão narrativo, adotado por alguns museus, tem se deslocado para as diferenças socioculturais e, assim, a “nação” com seus diferentes grupos étnicos e a sociedade nacional que a compõe passaram a ser compreendidas, representadas e exibidas em alguns espaços museais, por meio de sua pluralidade cultural e dinâmicas histórico-sociais contraditórias, tendo como foco expositivo uma intrincada rede de relações assimétricas de poder que refletem até hoje disparidades sociais seculares no país (Motta, 2018c).

Por conta disso, alguns museus ganharam maior potência e visibilidade com o protagonismo de micronarrativas individuais e coletivas, tendo como principal destaque os chamados atores sociais da diversidade, comprometidos com o reconhecimento das diferenças culturais enquanto valor ético e político fundamentais. Ao adotar tal postura, alguns deles abandonaram a voz factual, baseada em uma série de eventos históricos

que se desdobram cronologicamente, em favor de um ponto de vista nem sempre consensual. Essa perspectiva crítico-analítica tem mobilizado a atenção de boa parte da produção acadêmica antropológica sobre os museus e os patrimônios nos últimos anos.<sup>4</sup>

Tais mudanças conceituais na construção de novas narrativas museológicas, espelhadas também em suas práticas museográficas, em certo sentido, respondem também a determinadas conquistas democráticas ocorridas nos últimos anos. É que as políticas públicas da cultura encamparam o conceito de diversidade e de direitos culturais diferenciados com ressonância no campo dos museus e da “patrimonialização das diferenças” (Abreu, 2015).

Como resultado de certos avanços político-democráticos, especialmente no curto período de 2003 a 2016, as diferenças culturais passaram, com maior frequência, a orientar as construções discursivas a respeito das novas noções de cidadania, reivindicadas e negociadas por movimentos sociais junto ao Estado, sendo incorporadas à Constituição Federal de 1988. Isso se deve principalmente a um conjunto de mudanças conceituais operadas no campo dos direitos relacionados às chamadas políticas de identidade e ao reconhecimento de direitos culturalmente diferenciados e que têm ainda hoje ecoado nos museus e nos estudos antropológicos sobre eles.<sup>5</sup>

### **Efervescência e consolidação da pesquisa antropológica sobre museus**

O período de 2003 a 2016 foi auspicioso para o campo dos museus e do patrimô-

3 Sobre o assunto, consultar Motta (2018c, p. 337-350).

4 Sobre o assunto, ver Motta (2018a, p. 157-165).

5 Sobre o assunto, ver Motta (2019, p. 268-261).

nio, coincidindo não apenas com uma reviravolta nas perspectivas conceituais adotadas pelas instituições museais, como também na esfera das políticas culturais, que permitiram alocar maiores recursos no campo da cultura, impulsionando a criação de novas instituições museais por todo o território nacional, com escalas e missões diferenciadas. Soma-se a isso a criação do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) em 2009, a constituição do Sistema Nacional de Museus, que aglutinou redes de sistemas estaduais e municipais em todo o país, assim como outras ações culturais que impactaram positivamente o campo museal.<sup>6</sup>

Em proporcional intensidade, o campo museológico também conheceu uma efervescência nunca imaginada. Com a implementação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) foram criados 12 novos cursos de bacharelado em museologia, juntando-se aos dois já existentes: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) (1932) e Universidade Federal da Bahia (UFBA) (1969).<sup>7</sup> Com a criação de novos cursos de museologia, alguns deles sediados em departamentos de antropologia ou áreas afins, foi possível incrementar um diálogo ainda mais próximo com a antropologia, atraindo estudantes interessados em estreitar conhecimentos entre a museologia e as ciências sociais, seja por meio da criação de grupos de pesquisa, com a participação de alunos de graduação de museologia, seja

por meio da formação de redes acadêmicas e encontros regionais e nacionais.

Ancorado fortemente nesse processo de ampliação e democratização da educação e da cultura no Brasil, o Comitê de Patrimônio e Museus da ABA desempenhou um papel seminal na consolidação de uma vertente importante na antropologia brasileira: a dos museus que, por sua vez, tem intensificado e fortalecido cada vez mais o diálogo com o dos patrimônios culturais. Embora sejam campos autônomos, museus e patrimônios estabelecem maior ou menor aproximação a depender do recorte empírico, teórico e/ou metodológico. Considerando essa proximidade, o Comitê de Patrimônios da ABA, criado em 2004, observou a necessidade de incluir “museus” em seu nome, visto que desde sua criação estimulava e abrigava ambos os temas (museus e patrimônios) nas mais diversas atividades, tais como grupos de trabalho, mesas-redondas, simpósios e minicursos. Assim, a partir de 2010 o comitê passa a ser designado Comitê de Patrimônios e Museus.

Tal efervescência, em certa medida, deve-se também a um contexto colaborativo firmado entre academia e instituições museais. Nesse sentido, o Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) desempenhou papel relevante por meio de ações de pesquisa envolvendo antropólogos, assim como o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) junto ao Museu de Folclore Edison Carnei-

6 No início de sua criação, o Ibram teve na presidência o antropólogo e museólogo José Nascimento Júnior, tendo como Diretor do Departamento de Processos Museais o museólogo Mário de Souza Chagas. Ambos se empenharam em estabelecer um diálogo muito próximo com as ciências sociais e, especialmente, com a antropologia.

7 Acrescenta-se a esses, em 1978, o curso de museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), o primeiro do estado de São Paulo e que teve como uma de suas idealizadoras a museóloga Waldisa Russo. Posteriormente, em 1985, Russo também contribuiu para a formação do Instituto de Museologia de São Paulo. Ambas as instituições davam preferência para o ensino de pós-graduação.

ro, no Rio de Janeiro. Outra instituição de fundamental importância nessa fase de consolidação do campo de pesquisa sobre antropologia e museus foi o Museu do Homem do Nordeste (MHN), da Fundação Joaquim Nabuco, no Recife, que na década de 1980 contou com o empenho do museólogo Mário de Souza Chagas no processo de diálogo acadêmico. Da mesma forma, outras instituições colaboraram para o fortalecimento dessa área de pesquisa, tais como o Museu Paraense Emílio Goeldi (Universidade Federal do Pará — UFPA), o Museu Antropológico (Universidade Federal de Goiás — UFG) e o Museu Paulista (Universidade de São Paulo — USP). Daí decorre uma boa produção antropológica sobre museus, especialmente se levarmos em consideração que a maior parte dela resulta do esforço comum de antropólogas e antropólogos vinculados ao Comitê de Patrimônio e Museus da ABA, destacando-se na área dos museus, particularmente, a atuação pioneira e o empenho da antropóloga Regina Abreu e de outros nomes igualmente significativos na formação e na consolidação desse campo de pesquisa na antropologia brasileira.<sup>8</sup> Essa sinergia coletiva tem levado o Comitê da ABA a organizar e publicar sistematicamente livros impressos e digitais, disponibilizando-os no seu portal, além de promover uma série de atividades acadêmicas com o objetivo de ampliar e aprofundar discussões nessa área.

Condições excepcionais de fomentos às pesquisas e a organização de eventos foram igualmente vetores importantes para o desenvolvimento do campo aqui analisado. Várias foram as Reuniões Brasileiras de Antropologia (RBA) promovidas pela ABA que propiciaram a realização de pré-eventos e atividades organizadas pelo Comitê de Patrimônio e Museus, como também a presença sistemática desse comitê durante as reuniões da Anpocs e outras homólogas. Acrescenta-se a isso a participação dos estudantes de museologia em reuniões e congressos diversos, a exemplo do Seminário Brasileiro de Museologia (Sebramus) que, a cada dois anos, reúne profissionais das áreas da museologia, da antropologia e afins. Outro momento de fomento ocorre por meio do Encontro Nacional dos Estudantes de Museologia (Enemu).

Por outro lado, não se pode minimizar o papel desempenhado pelo Ibram, que até sua existência, em outubro de 2018, como autarquia do Ministério da Cultura, foi responsável por um programa de apoio e fomento que patrocinou vários encontros e seminários em diferentes estados brasileiros, envolvendo sobretudo a Rede de Memória e Pontos de Memória, que integra a chamada museologia social.<sup>9</sup>

Em resposta a essas demandas foi criado em 2009 o Programa Pontos de Memória, com o objetivo de apoiar a criação de museus nas regiões metropolitanas atendidas

---

8 A criação do GT de Patrimônio da ABA (depois Comitê de Patrimônio e Museus) contou também com o apoio decisivo de Manuel Ferreira Lima Filho, José Reginaldo Gonçalves, Cornelia Eckert, Bartolomeu Tito, Maria Eunice Maciel, entre outros que propuseram GTs na RBA e na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs) em uma época em que poucos ainda pesquisavam essa temática.

9 De acordo com Chagas (2014, p. 19-20), “A museologia social no Brasil continua desenvolvendo-se em ritmo intenso e já agora às margens do poder público e sem pedir permissão para existir, ainda que a obrigação e a responsabilidade do poder público em relação a esses e outros temas não deva ser diminuída. A Rede Cearense de Museus Comunitários, a Rede dos Pontos de Memória e Iniciativas Comunitárias em Memória e Museologia Social do Rio Grande do Sul e a Rede LGBT de Memória e Museologia social estão em plena atuação”. Acrescente-se ainda a Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro e a Rede SP de Museologia Social.

pelo Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci) do Ministério da Justiça, contando com o apoio da Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI). Tal programa se propôs a estimular e apoiar o protagonismo comunitário, condição considerada fundamental para que os museus venham a se transformar em instrumento de mudança social e de desenvolvimento sustentável.

Além disso, o Ibram realizou, até o ano de 2017, o Fórum Nacional de Museus, evento bienal e de grande abrangência nacional que reuniu museólogos e profissionais de museus de todo o país, assim como antropólogos e áreas afins, em torno de temas variados e modalidades experimentais nessa área. Um dos objetivos práticos do fórum era avaliar e delinear diretrizes para a Política Nacional de Museus (PNM) e a consolidação das bases para a implantação de modelo de gestão integrada dos museus, representado pelo Sistema Brasileiro de Museus (SBM).<sup>10</sup>

Parte desse avanço considerável deve-se igualmente à emergência de novas possibilidades de atuação de antropólogos e antropólogas na esfera pública, especialmente nos museus, concorrendo assim para a surgimento de novos temas de pesquisa. Convém notar que em se tratando de duas áreas de pesquisa autônomas e com trajetórias diferenciadas — antropologia e museologia —, muitos museólogos utilizam-se

frequentemente de perspectivas antropológicas para refletir sobre temas correlacionados aos museus. Provavelmente em razão da significativa presença de alunos graduados em museologia nos cursos de pós-graduação em antropologia, algumas temáticas relacionadas aos museus ganharam centralidade em alguns mestrados e doutorados de antropologia, propiciando a introdução de novos temas que têm exigido das teorias antropológicas interlocução constante não apenas com as teorias museológicas, mas também com outras áreas afins que dialogam com o campo museal, tais como história, sociologia, filosofia, artes e comunicações, entre outras.

O fluxo de conhecimento da antropologia, direcionado para a museologia, também se intensificou na última década deste século. Ocorre que alguns cursos de bacharelado em museologia, sobretudo aqueles criados depois do Reuni, incluíram em suas grades curriculares disciplinas de antropologia, como também criaram disciplinas de antropologia voltadas para teoria e compreensão dos museus.<sup>11</sup> Desse modo, antropologia e museus cada vez mais têm caminhado e convergido por linhas tênues que na maioria das vezes aproximam antropólogos e museólogos em torno de perspectivas comuns — outras vezes o ponto de inflexão entre ambos se bifurca, conforme as necessidades e os interesses teóricos próprios a cada área.

---

10 É importante assinalar que o Ibram, durante a gestão do antropólogo José Nascimento Júnior, em conjunto com a ABA, criou o Prêmio Mário de Andrade, dedicado a teses e dissertações sobre patrimônios e museus. Esse prêmio foi muito importante para divulgar os trabalhos da área, mas não teve continuidade nas outras gestões do Ibram e da ABA.

11 Um dos primeiros cursos de museologia no Brasil no âmbito do projeto Reuni, com perfil voltado para a antropologia e os museus, foi o curso de bacharelado em museologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), criado em 1998 com o empenho do antropólogo Antonio Motta em colaboração com o museólogo Mário de Souza Chagas. A estrutura disciplinar criada permitiu à museologia dialogar com as ciências sociais e, sobretudo, com a antropologia, buscando desenvolver experiências no campo da museologia social.

## No emaranhar de fronteiras

Os liames que costumam acercar antropólogos, museólogos e afins em torno de temas e objetos comuns, muitas vezes, concorrem para que seus caminhos se entrecruzem e suas fronteiras de conhecimento se embaralhem. Com efeito, no debate entre antropologia e museus, não raras as vezes, o ponto de interseção entre margens disciplinares é rompido em razão do diálogo e dos interesses comuns que se estabelecem entre pesquisadores.

Entretanto, há um lado positivo no emaranhar de fronteiras. Isso na medida em que as trocas interdisciplinares possibilitam a criação de uma interlocução intelectual dinâmica e criativa, fora dos limites estritamente disciplinares instituídos por cada área. Tal abertura favorece a ampliação e o fortalecimento de uma discussão recíproca entre a antropologia, a museologia e algumas áreas afins, urdida em torno de um ideal comum: os museus.

Por outro lado, se considerarmos apenas as reflexões feitas por profissionais da antropologia sobre os museus, deixando de lado a produção dos profissionais da museologia e de áreas afins, que adotam igualmente uma perspectiva antropológica, a avaliação dessa produção de conhecimento específica poderia se tornar ofuscada qualitativa e numericamente, como também minimizaria a importância de uma rede colaborativa em expansão. Por essa razão, talvez seja mais frutífero considerarmos a produção antropológica sobre museus com base em um esforço interdisciplinar comum, que envolve sobretudo profissionais da antropologia, da museologia e de diversas outras áreas disciplinares — tais como arqueologia, história, arquitetura, design, geografia, filosofia, etnomusicologia, entre outras — empenhados

fundamentalmente na consecução de um programa de pesquisa conjunto, cujo principal objetivo é a discussão e a aplicação crítica da teoria e dos métodos — inspirados na antropologia e nas ciências sociais — para o entendimento dos museus como fenômenos socioculturais relevantes.

Em razão disso, serão aqui contempladas as contribuições de antropólogo(a)s, museólogo(a)s e áreas afins quando o tipo de abordagem se revelar mais pela sensibilidade antropológica do que propriamente pelo vínculo institucional a uma área disciplinar específica. Além disso, convém ressaltar que tal opção buscou priorizar essencialmente temas relacionados ao campo museal, levando em conta a capacidade de diálogo crítico com temas antropológicos relacionados a alteridades, diversidades culturais, identidades, memórias sociais, diferentes formas e modos de organização material e simbólica, de interações sociais, políticas, econômicas e de poder, em detrimento da mera identificação a um campo disciplinar encerrado em si mesmo como meio exclusivo para o reconhecimento e a legitimação desse tipo de produção.

Outro aspecto a ser considerado é que muitos antropólogos publicam frequentemente artigos em periódicos da área de museologia, alguns deles reconhecidos pelo Sistema de Avaliação Qualis Periódico da Capes, porém na área de Ciências Sociais Aplicadas (CSA1) — na qual a museologia está inserida. A contrapartida também é verdadeira: muito(a)s museólogo(a)s vêm colaborando em publicações organizadas por antropólogos — seja em livros, seja em revistas avaliadas pela área de antropologia na Capes —, além de participarem de encontros e seminários na área de antropologia, muito(a)s dele(a)s participando de atividades promovidas pelo Comitê de Patrimônio e Museus da ABA.



## Tecendo alguns parâmetros

embora não se disponha de balanços mais sistemáticos anteriores ou mesmo de um rastreamento mais recente da produção antropológica sobre museus, existem, contudo, algumas referências importantes sobre a emergência e a consolidação dessa produção de conhecimento. Uma delas é o artigo de Gonçalves (2005), aqui já referido, e, mais recentemente, o artigo intitulado *A trajetória do GT de Patrimônios e Museus da Associação Brasileira de Antropologia*, de Regina Abreu e Manuel Ferreira Lima Filho, publicado em 2012. Neles, os autores traçam um excelente balanço das ações desenvolvidas pelo antigo Grupo de Trabalho (GT) e atual Comitê de Patrimônio e Museus da ABA, sistematizando alguns eixos de pesquisa na área da antropologia dos museus e do patrimônio.

Servindo como uma espécie de “estado da arte”, o artigo cobre praticamente o período de emergência das pesquisas nessa área, tendo como ponto de corte cronológico 2012, ano em que foi compilado e publicado em livro pela ABA. Além de os autores identificarem alguns eixos importantes nos estudos sobre museus, sugerem que essa área de conhecimento, de fato, conquistou sua autonomia heurística na medida em que os museus deixaram de servir apenas como “pano de fundo” para ganharem centralidade no campo da pesquisa antropológica, com ênfase na “compreensão de valores sociais e sistemas simbólicos” (Abreu; Lima Filho, 2012, p. 29). Ademais, os autores mencionados buscaram, na medida do possível, não separar as duas áreas de conhecimento, demonstrando que museus e patrimônios adquiriram, cada vez mais, contornos menos definidos ao intensificar o diálogo recíproco por meio de problemáticas transversais.

É importante também notar que o interesse da antropologia pelo campo museal se intensificou sobretudo a partir dos últimos decênios do século passado, conforme já havia notado José Reginaldo Gonçalves (1995, p. 62):

Se, a partir dos anos vinte e trinta deste século, houve um progressivo afastamento dos antropólogos, ou da pesquisa e teoria antropológica em relação aos museus, a partir dos anos oitenta verifica-se uma reaproximação. Desde a última década (1980) tem sido produzida extensa bibliografia de pesquisa e interpretação antropológica sobre museus nas modernas sociedades ocidentais.

Acompanhando essa linha de compreensão, em uma publicação de 2007, Regina Abreu e Manuel Ferreira Lima Filho observaram que o interesse de antropólogos por museus emergiu, com maior sistematicidade, a partir dos anos 1980 e 1990, focado sobretudo nas “práticas de colecionamento de objetos museológicos” (Abreu; Lima Filho, 2007, p. 27). Eles sugerem que é nesse momento inicial em que se desenha um eixo importante de pesquisa nessa área. Inicialmente esse eixo temático seria orientado por uma perspectiva histórica — com ênfase no estudo da memória e identidade nacionais brasileiras e que contemplava o processo de *Nation-building* e a construção de símbolos nacionais — e também por algumas questões relacionadas ao pensamento social brasileiro, porém tendo como ângulo privilegiado o conhecimento de acervos e coleções de museus históricos e etnográficos.

Para esse fato já havia também chamado a atenção Mário de Souza Chagas em sua publicação *Museu, museologia e pensamento social brasileiro*, ao refletir sobre o interesse despertado pelo tema dos museus no campo

das ciências sociais. Contudo, pondera o autor que nessa época havia um diálogo pouco sistemático entre museólogos, antropólogos, sociólogos e cientistas políticos, observando a existência de “um interesse rarefeito no que tange à adoção do museu como um objeto de estudo” (Chagas, 2014, p. 21). Entretanto, identifica alguns nomes da antropologia e das ciências sociais que à época começavam a surgir e cujo interesse temático se voltava para o campo museal: Regina Abreu, José Reginaldo Santos Gonçalves, Myriam Sepúlveda dos Santos e Lília Schwarcz (Chagas, 2014, p. 22).

Provavelmente umas das reivindicações mais vigorosas como área de pesquisa deu-se nesse período, isto é, na virada das décadas de 1990 e 2000, com uma geração de pesquisadores que despontava nos quadros universitários do país, especialmente nos cursos de pós-graduação em antropologia e de ciências sociais.

Um dos marcos importantes dessa fase é o trabalho de Regina Abreu, apresentado como dissertação ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional em 1991, intitulado *Sangue, nobreza e política no templo dos imortais: um estudo antropológico da Coleção Miguel Calmon no Museu Histórico Nacional*, posteriormente publicado em livro, sob o título *A fabricação do imortal*, em 1996. Influenciada pelo conceito de semióforo de Pomian (1984) e por referências antropológicas de base maussiana, a autora analisa com habitual acuidade a coleção de Miguel Calmon, destacado político e historiador da República Velha, doada ao Museu Histórico Nacional em 1936. A coleção é analisada pela autora com base em ângulos diversos que revelam tanto a construção biográfica do colecionador quanto a construção narrativa da brasilidade, presentes no sistema de objetos então musealizado.

Recorrendo também a uma perspectiva histórica, Myriam Sepúlveda dos Santos, socióloga com sensibilidade antropológica, concluiu em 1989, no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), a dissertação intitulada *História, tempo e memória: um estudo sobre museus a partir da observação feita no Museu Imperial e no Museu Histórico Nacional*. Trata-se de uma pesquisa, com forte inspiração bejaminiana, voltada para a formação e a constituição de dois importantes acervos museológicos. Tais acervos são vistos e interpretados pela autora como uma escrita museológica do passado e que oscila entre memória e história, todavia passível de escolhas conforme a narrativa que se pretende enunciar. Posteriormente, a autora incluiu parte dessa discussão, acrescida de uma reflexão mais aprofundada e ampliada, no livro *A escrita do passado em museus históricos*, lançado em 2006.

Com inflexão historiográfica e interlocução com o pensamento social brasileiro, a antropóloga e historiadora Lília Moritz Schwartz publicou em 1989 “O nascimento dos museus brasileiros, 1870–1910”, ensaio incluído no livro *História das ciências sociais no Brasil*, organizado por Sergio Miceli (1989). Nele, a autora discute a chamada “era dos museus” no Brasil a partir da qual é analisado o processo de formação e produção de conhecimentos etnográficos, buscando identificar nas instituições museais estudadas alguns modelos classificatórios, oriundos das ciências naturais. Em 1993, a autora publicou o livro *O espetáculo das raças*, inicialmente tese de doutorado em antropologia na Universidade de São Paulo (USP), com maior ênfase na história da antropologia. É no capítulo dedicado aos museus etnográficos em que são analisados os papéis específicos dessas instituições de pesquisas que buscavam dialogar, no último quartel do

século XIX e no início do século XX, com modelos evolucionistas e darwinistas sociais focados então na questão racial do país.

Com inspiração mais conceitual e preocupações teóricas que dialogam com os patrimônios e transversalmente com os museus, José Reginaldo Santos Gonçalves apresentou em 1989, ao Departamento de Antropologia da Universidade de Virgínia, nos Estados Unidos, a tese de doutoramento intitulada *Rediscoveries of Brazil: Nation and Cultural Heritage as Narratives*. Posteriormente, o autor a transformou em livro, *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural do Brasil* (1996).

Fincada em uma perspectiva mais afeita à história da antropologia no Brasil, Luís Donisetti Grupioni publicou em 1998 o livro *Coleções e expedições vigiadas: os etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil*, fruto da dissertação de mestrado em antropologia apresentada na USP em 1997. Apesar de o foco principal da pesquisa incidir sobre o Conselho de Fiscalização como instrumento para pensar o campo indigenista e a participação de alguns etnólogos nacionais e estrangeiros no desenvolvimento da antropologia no Brasil, a formação de coleções e acervos etnográficos ocupa, contudo, lugar de destaque na análise empreendida pelo autor. No capítulo 5 do livro, o autor analisa a prática do colecionismo de Curt Nimuendajú que serviu como intermediário da saída do Brasil de objetos e coleções etnográficas para alguns museus europeus. Com base nessa perspectiva, sugere o autor que tanto os museus quanto o colecionamento de objetos etnográficos dei-

xariam de ser prioridades para a antropologia depois da institucionalização das ciências sociais nas universidades.

Partindo de outro ângulo interpretativo, o do chamado pensamento social brasileiro, Mario de Souza Chagas apresentou em 2003, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), sua tese de doutoramento intitulada *Imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. Uma das preocupações centrais do trabalho era compreender e interpretar as narrativas e a “imaginação museal” dos três autores. Esse exercício hermenêutico o levou a pensar e ler os museus como construções narrativas ligadas a práticas sociais e políticas dos autores estudados, imbricadas, todavia, na imaginação poética de cada um deles. Desse modo, sugere o autor que tais pensadores foram responsáveis pela constituição de coleções que também podem ser lidas como constructos de suas próprias narrativas subjetivas e poéticas, próprias de seus modos de ver e conceber o mundo, geralmente associadas a imaginários nacionais.

Nesse período inicial, muitos antropólogos e cientistas sociais trilharam pelo campo temático da história da antropologia e dos museus, do pensamento social brasileiro, e também por um repertório conceitual — já destacados por Abreu e Lima Filho (2012) —, que incluíam temas como colecionismo, objetos etnográficos, exposições, museus e representações das culturas, museus e autorrepresentações, com especial inflexão nos grupos indígenas e seus artefatos de cultura material e imaterial.<sup>12</sup>

---

12 Vários foram os trabalhos publicados. Destacam-se como referências cronológicas no campo dos museus em geral, do colecionismo e sistema de objetos e, principalmente, de coleções e museus indígenas as seguintes publicações: Menezes (1987); Gallois (1989); Souza Lima (1989); Gruber (1994); Abreu (2003); Ferreira e Gomes (1999); Van Velthem (2004); Oliveira (2007); Kersten e Bonin (2007); Vidal (2008); Santos (2000; 2002); Gonçalves (2016).

Cabe assinalar que o interesse da antropologia e de áreas afins pelo estudo dos museus e patrimônio ampliou consideravelmente no primeiro decênio deste século. Provavelmente um dos marcos cronológicos importantes e de impacto para o alargamento desse campo de estudo, aqui analisado, coincide como o momento de promulgação do Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e, por conseguinte, implementou uma política pública que regulamentava e assegurava direitos culturais, conforme os preceitos da Constituição Cidadã de 1988.

Tal conquista contribuiu não apenas para alavancar pesquisas na área do patrimônio cultural, como também na área dos museus, já que o conceito de imaterialidade ou intangibilidade se tornou premissa importante para se pensar novos arranjos e desafios para os acervos, para novas formas de colecionamento e concepções museais que então surgiam. Um bom exemplo do que se pretende enunciar é o livro publicado em 2003, organizado por Regina Abreu e Mário de Souza Chagas, intitulado *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Nele, os autores reúnem um bom número de contribuições, de sensibilidades intelectuais diversas, em torno de novos conceitos de patrimônio cultural, dos museus e suas novas práticas discursivas de colecionamento. No que tange ao campo dos museus, o relevo dado aos museus históricos, à memória, às formas de colecionamento e narrativas sobreleva em boa parte dos ensaios, porém com matizes hermenêuticos e de compreen-

sões teóricas distintos (Santos, 2003; Chagas, 2003b; Gonçalves, 2003; Dias, 2003). Há nessa mesma publicação variação temática que considera outras tipologias museais, a exemplo do ensaio *A descoberta do museu pelos índios*, de José Ribamar Bessa Freire. Nele, Bessa analisa seis experiências relacionadas a museus e exposições de patrimônios indígenas, sugerindo que os povos indígenas já não aceitam ser representados e musealizados de forma passiva nos museus tradicionais, reivindicando protagonismo enquanto agentes e detentores de suas próprias memórias.

A afirmação desse campo de estudo parece ganhar maior relevo na 25ª RBA, na cidade de Goiânia, em 2006. Durante o evento, o então GT Patrimônio da ABA reuniu significativo número de especialistas nacionais e internacionais em torno de atividades diversas dedicadas ao patrimônio e aos museus, incluindo, entre outras, um simpósio intitulado *Antropologia e museus: revitalizando o diálogo*.<sup>13</sup>

Durante as várias atividades propostas pelo GT, novos temas emergiram, fortalecendo substancialmente os estudos da antropologia dos museus, o que se comprova por meio da publicação, em 2007, de duas coletâneas que reuniram antropólogos e afins em torno de discussões temáticas e conceituais diversas.

Na primeira coletânea, intitulada *Antropologia e patrimônio cultural: diálogo e desafios contemporâneos* (2007), organizada por Manuel Ferreira Lima Filho, Jane Felipe Beltrão e Cornelia Eckert, observa-se bom número de artigos sobre o tema patrimônio cultural e algumas contribuições mais direcionadas aos museus e coleções etnográficas, a exemplo dos artigos de Chagas (2007), *Museu do*

---

13 Ver: Bezerra e Lima Filho (2006) (publicação lançada durante a 25ª RBA); Beltrão e Caroso (2007).

*Índio: uma instituição singular e um problema universal*; Faulhaber (2007), *Traduções Magüta: pensamento Ticuna e patrimônio cultural*; e Corrêa (2007), *Metamorfoses conceituais do Museu de Magia Negra: primeiro patrimônio etnográfico do Brasil* (sobre o acervo afro-brasileiro do Museu de Magia Negra no Rio de Janeiro).

A segunda coletânea, intitulada *Museus, coleções e patrimônio: narrativas polifônicas* (2007), é organizada por Regina Abreu, Mário de Souza Chagas e Myrian Sepúlveda dos Santos. Nela, abriram-se novas perspectivas temáticas e de compreensão conceitual da antropologia dos museus, reunindo antropólogos, museólogos e de áreas afins, como historiadores, sociólogos, arquitetos, biólogos etc. Sugerem os organizadores que a referida coletânea se deve notadamente ao esforço conjunto de redes de pesquisadores que já vinham atuando nos principais encontros organizados pelo Comitê de Patrimônio da ABA, particularmente nas RBAs e nas regionais de antropologia: Reunião Equatorial de Antropologia (REA) e Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM) — do mesmo modo, em encontros anuais da Anpocs, da Associação Brasileira de Museologia (ABM) e no âmbito de parcerias entre universidades nacionais e estrangeiras, por meio de grupos de pesquisa dedicados ao estudo dos museus, das memórias, das coleções e do patrimônio cultural.

Nessa coletânea, grosso modo, dois grandes eixos estruturam as contribuições relacionadas aos museus e suas abordagens conceituais. O primeiro incide sobre o tema “museus como narrativas ou práticas discursivas”, eixo de pesquisa já identificado por Abreu e Lima Filho (2012) e que inclui o estudo de narrativas simbólicas e práticas de representações diversas, sejam no campo da política, da memória, do poder, sejam rela-

cionadas à dimensão simbólica da cultura nos espaços museais. Mais próximo a esse tipo de compressão, destaca-se na coletânea organizada por Abreu, Chagas e Santos (2007) o artigo de Ferraz (2007), que busca refletir criticamente sobre os desafios da política oficial face à preservação da memória da ditadura militar no Brasil. De acordo com a visão da autora, tal política privilegiou monumentos celebrativos, arquivos, coleções e museus em detrimento dos próprios sujeitos envolvidos, sendo relegados à margem dessa história. O argumento usado é de que nas disputas sobre o passado, o presente pode servir como vetor importante para se pensar uma sociedade mais justa e suas formas de representar a realidade. Em outra direção temática, Sansi-Roca (2007), antropólogo do Goldsmiths College, de Londres, empreende uma análise sobre as transformações do valor museográfico de objetos do candomblé em Salvador no século XX. O autor tenta mostrar que os valores atribuídos aos objetos musealizados também acompanham transformações sociais e de sensibilidades, despertando nos grupos e comunidades envolvidos novas possibilidades de pertencimento social e identitário.

O segundo eixo analítico do livro é dedicado à produção de alteridades e suas diferenças culturais, reunindo trabalhos que buscam refletir sobre colecionismo e o papel dos museus face às transformações e aos desafios no mundo contemporâneo. Abrindo a seção, Abreu (2007, p. 114) imprime o tom ao debate: “Como os museus e as instituições de patrimônio vêm trabalhando com o tema da alteridade?”. Em sintonia com o questionamento lançado, a antropóloga portuguesa Dias (2007) desenvolve uma análise sobre alguns usos expográficos de acervos etnográficos, tomando como referência o Museu do Quai Branly, em Paris. De modo

crítico, observa que a tendência excessiva em estetizar objetos e coleções etnográficas, por vezes, compromete alguns valores intrínsecos que são atribuídos a cada cultura. Com foco nos museus brasileiros, Abreu (2007) analisa, sob o ângulo histórico e com olhar etnográfico, diferentes dinâmicas, tipologias e concepções de museus, trazendo alguns desafios para se pensar o presente. Ao se debruçar sobre modos de coleta e formação de uma coleção, Couto (2007, p. 180) recupera a história do Museu do Índio e de “categorias de pensamento” utilizadas por Darcy Ribeiro. Na condição de narrador dessa coleção, Darcy Ribeiro inicia a “imortalidade” dos objetos, de si próprio e do museu que idealizou imprimindo à coleção novos significados e simbolismos, com o intuito de que essa coleção pudesse representar o patrimônio cultural dos povos indígenas brasileiros.

Na mesma seara de debate sobre coleções, museus e pluralidade cultural, Paiva (2007) analisa etnograficamente a experiência do Museu do Negro, no Rio de Janeiro — gerido pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos —, com base em determinadas categorias classificatórias utilizadas pelos seus idealizadores e que, segundo a autora, ajudam a problematizar e a pensar os limites de musealização de acervos e suas representações. O tema da diversidade cultural é retomado por Bruno (2007) com base em uma experiência museal em espaço urbano. A autora relata um estudo de caso museológico que resultou na “Expedição São Paulo 450 anos”, cuja finalidade era a implantação do programa museológico do Museu da Cidade de São Paulo. Modulando a discussão, Nascimento Júnior (2007) sugere um novo caminho para o diálogo entre antropologia, museus e museologia com base em trocas e experiências conjuntas.

Ainda no mesmo ano, veio à lume o livro de Gonçalves (2007), *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Trata-se de uma referência importante para os estudos dos museus e do patrimônio cultural. Diversos artigos compõem o quadro do livro, a maioria publicada em periódicos e capítulos de livros produzidos entre os anos de 1989 e 2005, o que se complementa ao já clássico *A retórica da perda* (1996) e, posteriormente, *A alma das coisas: patrimônio, materialidade e ressonância* (Gonçalves; Bitar; Guimarães, 2013). Em termos genéricos, os ensaios reunidos em *Antropologia dos objetos* exploram papéis e funções que os objetos materiais — notadamente aqueles que integram coleções privadas ou de museus — desempenham tanto como marcadores de identidades quanto referências determinantes no processo de formação e constituição da percepção subjetiva (individual ou coletiva). Em última instância, o argumento de fundo é pensar a função cotidiana dos objetos materiais na formação das autoconsciências individual e coletiva, buscando mostrar como, em certa medida, os objetos são capazes de reinventar os próprios indivíduos. Todavia, um dos pontos altos da reflexão do autor é pensar os patrimônios culturais enquanto produção discursiva, podendo emergir de um autor posicionado, mas com “ressonância” junto a um público mais amplo.

Um ano depois, em 2008, surgiu uma nova contribuição não menos relevante ao debate sobre museus: *Objetos alheios, histórias compartilhadas: o uso do tempo em um museu etnográfico*, livro publicado no mesmo ano por Andrea Roca. Resultado de sua dissertação de Mestrado no Museu Nacional, em 2006, a autora analisa o Museu Etnográfico Juan Bautista Ambrosetti, em Buenos Aires, com base em uma perspectiva etnográfica sobre as produções e as transmis-

sões de temporalidades distintas no referido museu. O fulcro principal da argumentação gira em torno da compreensão e do entendimento dos “usos do tempo” enquanto categoria analítica, utilizados pelo museu para os visitantes. Ao longo dos capítulos, a autora busca identificar as transformações e os enredos temporais que se foram urdindo no museu, refletidos sobretudo nas ações educativas direcionadas ao público visitante. Além disso, busca analisar o uso de temporalidades específicas, identificando-as a determinadas escolhas políticas. Isso na medida em que os usos dessas temporalidades são capazes de provocar mudanças na produção de visibilidade e legitimidade históricas relacionadas aos objetos, às coleções e a suas narrativas. Sob a inspiração de Johannes Fabian, a autora propõe os usos do tempo no museu como um dos elementos-chave para a compreensão do reconhecimento da condição coetânea dos grupos que se veem representados nos museus.

### **Interconexões temáticas**

O *corpus* pesquisado nos últimos dez anos (2009–2019) sugere diferentes vertentes teóricas e temáticas, a depender do foco e do objeto investigado. Uma delas tem continuidade na história da antropologia, considerando o processo de inserção dos antropólogos nos museus e seus envolvimento na formação de coleções nessas instituições, cujo desdobramento contempla: as relações da disciplina com a construção do discurso nacional e/ou colonial, as relações de poder dominantes nos museus, a formação de acervos historiográficos e etnográficos, entre outros aspectos. Para esses casos, a perspectiva historiográfica é ainda recorrente em alguns trabalhos, porém sem perder o foco nas instituições museais e suas dinâmicas, seja por

meio de estudos de casos, situados em contextos históricos específicos, seja por meio de perspectiva interpretativa de longa duração.

Uma boa síntese desse modo de compreensão histórica e de suas transformações no campo dos museus de antropologia é o artigo de Abreu e Russi (2018) intitulado *Cartografia dos museus de antropologia no Brasil: onde o outro nos habita*. Valendo-se de ampla reflexão sobre o papel desempenhado pelas primeiras instituições museais no Brasil, as autoras chamam atenção para a importância dos museus na construção da ideia de nação, tendo como princípio a coleta seletiva e acumulativa de objetos considerados relevantes para a conservação de conhecimentos perdidos em épocas passadas com o propósito de divulgar a missão civilizatória da nação. De acordo com a interpretação oferecida pelas autoras, foi esse o modelo inicialmente abraçado por alguns museus de sensibilidade histórica e antropológica que também eclipsavam a presença de determinados segmentos étnicos de uma comunidade nacional imaginada. Como reflexo de mudanças ocorridas em contextos diferenciados, com ênfase no nacional e suas fases, os museus de antropologia adotaram visões e narrativas igualmente diversificadas: da exaltação de uma “identidade nacional” aos “museus como instrumentos de políticas sociais” (Abreu; Russi, 2018, p. 245). Por fim, as autoras analisam o protagonismo de povos indígenas e quilombolas e outras minorias sociais, rurais e urbanas que criaram os seus próprios museus, os chamados “museus de si”, associados a um novo cenário político nas práticas do colecionamento. Acompanhando tais mudanças, os museus se viram forçados a redefinirem não somente suas prioridades e seus repertórios temáticos, como também ampliarem um diálogo cada vez mais simétrico e equitativo entre culturas.

Há, naturalmente, diferenças sensíveis quanto às temáticas e relevos históricos apresentados na produção aqui analisada. Alguns autores preferiram se debruçar sobre formações de coleções etnográficas, exposições, representações museográficas em contextos históricos específicos, especialmente direcionados a grupos indígenas. Observa-se, contudo, uma continuidade com propostas anteriormente mencionadas, o que reforça o entrelaçamento de várias gerações de pesquisadores em torno de temas e questões comuns a esse campo de conhecimento.

Por razões óbvias, temas relacionados a museus e etnicidade, especialmente experiências com museus indígenas, têm sido mais recorrentes na produção aqui analisada. Sua recepção pode ser mensurada por meio de um bom número de artigos publicados em periódicos e livros.<sup>14</sup> Era também de se esperar que alguns trabalhos, focados no campo da etnicidade, contemplassem coleções e acervos etnográficos africanos e afro-brasileiros em museus. Ao analisarem as coleções de museus históricos, alguns artigos observam com certa frequência a exclusão da memória afro-brasileira. A desvalorização da presença e da participação africana na formação cultural brasileira tem se tornado preocupação de muitos pesquisadores. Nessa direção, alguns trabalhos exploram diferentes aspectos de acervos e coleções com o propósito de

revisitar criticamente e desconstruir narrativas expográficas construídas com base em ideologias de exclusão, de racismo explícito ou velado, reivindicando o “lugar de fala” e maior inclusão e participação de afrodescendentes nos museus hegemônicos.<sup>15</sup>

Entretanto, nem tudo pode ser reduzido a esse repertório temático. Em proporções diferenciadas, outros horizontes conceituais foram igualmente contemplados. Um bom exemplo é a coleção *Museu, Memória e Cidadania* do programa editorial do Ibram, que contemplou a publicação de teses, dissertações, ensaios e pesquisas que tratam de questões museológicas e de relações mais amplas estabelecidas entre museus e sociedade, cobrindo diferentes temáticas não necessariamente ligadas a coleções e acervos étnicos com base em estudos produzidos em programas de pós-graduação de museologia, antropologia, história e outras disciplinas das ciências humanas que buscam ampliar a capacidade inventiva de novos temas de compreensão da cultura e sociedade.<sup>16</sup> Além disso, vários são os trabalhos publicados que envolvem diferentes aspectos da presença da cultura popular em acervos museais, processos de musealização das culturas populares, questionamentos sobre a imaterialidade de patrimônios culturais em acervos museais, ideologias museais de autores emblemáticos do pensamento social brasileiro etc.<sup>17</sup>

---

14 Agostinho (2019); Ewbank (2018); Guerra e Benchimol (2017); Kok (2018); Martinez (2012); Montez (2011); Santos (2019); Silva (2015); Vieira (M. C., 2019); Duarte (2019); Britto, Aguiar e Aguiar (2019); França (2017); Van Velthem e Benchimol (2018); Schröder (2012); Van Velthem (2012); Roca (2015); Bevilacqua (2017); Veloso Júnior (2019); Döpcke (2011); Lima Filho (2017); Silva (2015); Dias e Souza Lima (2012); Rodrigues (2018); Montechiare (2016); Sanjad (2002; 2010); Russi e Kieffer-Dössing (2018; 2019).

15 Com esse foco, destacam-se: Britto, Aguiar e Aguiar (2019); Cunha (2019); Soares e Agostinho (2016); Dantas (2014); Bitencourt (2018); Nogueira (2018); Santos (2005b); Castro e Santos (2019).

16 Entre os temas publicados, destacam-se: Dellamore (2011); Gonçalves (2007); Ribeiro (2008); Roca (2008); Chagas (2009); Kubrusly (2011); Lerner (2013); Sanjad (2010).

17 Fabris e Corrêa (2019); Cavignac (2016).



Dentro dessa linha de intenção e de pesquisa há de se destacar a publicação em 2012 do livro organizado por Izabela Tamasso e Manuel Ferreira Lima Filho: *Antropologia e patrimônio cultural: trajetórias e conceitos*. Um dos focos dessa publicação é direcionado ao tratamento antropológico diversificado dedicado a coleções em museus de antropologia, assim como outros questionamentos no plano de uma antropologia dos museus e processos de musealização. No livro, destacam-se os capítulos: *Katarina Real (1927–2006) e os maracatus Nação Estrela Brillhante*, em que a autora Kubrusly (2012) busca questionar alguns limites e ambivalências do processo de musealização de determinados objetos (“O que significa um maracatu ir para o museu? E para quem?”); *Visite o Brasil no Museu Rossini Tavares de Lima: embates, experimentações e exposições*, em que o autor Reis (2012) apresenta uma descrição etnográfica do processo de concepção desse museu, situado na cidade de São Paulo, destacando momentos diferenciados, como o de sua criação até o momento de encerramento dessa instituição, ao mesmo tempo em que analisa os conflitos conceituais que envolvem concepções sobre cultura popular, sistema classificatório de seu acervo e novos desafios para se pensar a gestão museal; e *Musealização de eventos críticos: análise da tensão entre múltiplas narrativas da dor*, em que a autora Silva (2012) problematiza algumas narrativas relacionadas à dor e ao sofrimento ocasionados pelo desastre do Césio em Goiânia e que resultaria no desejo de criação de um museu/memorial. Ao analisar criticamente as diferentes propostas elaboradas e os influxos políticos externos, a autora conclui que tal ideia não logrou êxito na medida em que se optou pelo apagamento simbólico do evento.

Ainda nesse contexto, começaram também a surgir novas abordagens temáticas e

teóricas que acompanhavam mudanças conceituais operadas no campo museal. Uma delas é a preocupação com a atualização temporal de acervos e iniciativas expográficas experimentais em instituições museais. Alguns trabalhos começaram a discutir as relações assimétricas de poder e dominação que se construíram ao longo de séculos e que envolvem objetos e coleções. Para isso, são questionados a origem, o sentido e os significados de algumas formas de coleções e constituição de acervos, assim como os limites éticos e as políticas de aquisição.

No quadro dessas mudanças, algumas questões são problematizadas e discutidas: Como e por que determinados objetos chegaram a ser incorporados aos acervos? Quais os critérios ou sistemas seletivos e classificatórios atribuídos aos objetos para que esses integrem um determinado tipo de coleção? Qual a importância da biografia social desses objetos para os grupos sociais que neles se veem cognitivamente representados? Quais os dilemas éticos e morais referentes à permanência de determinados objetos em museus?

De acordo com o corolário pós-colonial, cujo mote premente é “descolonizar os museus”, esses “outros” que integravam metonimicamente as coleções já não devem ser visualizados como objetos passivos e exotizados, mas como sujeitos e interlocutores ativos, necessariamente implicados em processos de negociações, mediações e decisões nos museus. Ancorado nessa linha de preocupação, o livro *Questões indígenas e museus: debates e possibilidades*, organizado por Marília Xavier Cury, Camilo de Mello Vasconcellos e Joana Montero Ortiz e publicado em 2012, pode ser tomado como referência. A publicação tem como propósito discutir as relações entre museus e patrimônios culturais indígenas considerando o legado desses povos na forma-

ção cultural e identitária paulista por meio da problematização de acervos etnológicos, coleções etnográficas, exposições e ações curatoriais, entre outros temas. Mais recentemente, veio à lume outra publicação da mesma série: *Museus etnográficos e indígenas – aprofundando questões, reformulando ações*, organizada por Cury (2020). O dado novo é que se trata da iniciativa do Museu Índia Vanuira de reunir alguns especialistas de museologia, mas, sobretudo, lideranças indígenas que falam na “primeira pessoa” e discorrem sobre os próprios direitos, tais como o de autonarrativas nos museus, de curadorias compartilhadas e gestões de coleções, entre outros temas que valorizam direitos culturalmente diferenciados. Em direção parecida, mas com forte inflexão histórica, está o livro intitulado *De acervos coloniais aos museus indígenas: formas de protagonismo e de construção da ilusão museal* (2019), organizado por João Pacheco de Oliveira e Rita de Cássia Melo Santos. O livro reúne artigos e ensaios acadêmicos que buscam explorar diferentes experiências e práticas de coleta de objetos etnográficos, de formação de coleções etnográficas, processos curatoriais compartilhados, vistos sob a perspectiva de superação dos museus coloniais, analisados de modo crítico com base em novos desafios políticos reivindicados por aqueles que se auto-identificam ou se reconhecem como “povos indígenas”. Outra importante contribuição nessa linha temática, porém com outra perspectiva analítica, é o livro *Coleções étnicas e museologia compartilhada* (2019), organizado por Manuel Ferreira Lima Filho e Nuno Porto.

Sob outro ângulo, as coleções foram também tema de análise em um dossiê publicado na *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, “Culture Heritage and Museums”, organizado por Antônio Arantes e Antonio Motta em 2013. Nele estão reunidos trabalhos que exploram linhas temáticas

relacionadas a processos de musealização, de colecionamento, coleções etnográficas, tipologia e escalas museais diferenciadas, entre outras vertentes analíticas, com base em um acentuado interesse por novos desafios contemporâneos que envolvem antropologia e museus. Entre os trabalhos dedicados aos museus, destacam-se:

- o artigo *The city museum of São Paulo: a new design for museums in the era of the megacity*, em que Franco (2013) reflete sobre a possibilidade de novas formas de colecionamentos contemporâneos que retratam a diversidade cultural de experiências da vida urbana, acompanhando novas concepções de espaços museais, como é o caso de um projeto de museu da cidade de São Paulo;
- o artigo *Sorcery objects under institutional tutelage: magic and power in ethnographic collections*, em que Rafael e Maggie (2013) refletem sobre outras modalidades de colecionamento e de coleções. Nesse ensaio os autores analisam duas coleções de objetos confiscados nos terreiros de cultos afro-brasileiros: a Coleção de Magia Negra no Museu da Polícia Civil do Rio de Janeiro e a Coleção Perseverança do Instituto Histórico e Geográfico de Maceió, Alagoas;
- o artigo *Challenges to digital patrimonialization: Heritage.org/ Digital Museum of African and Afro-Brazilian Memory*, em que Sansone (2013) investiga as formas de colecionamento digitais, discutindo os desafios do uso de tecnologias digitais para disseminar informações sobre o patrimônio cultural museológico afro-brasileiro;
- o artigo *Within the dialog between anthropology and museums: the Reference Center for Brazilian Football*, em que Azevedo e Alfonsi (2013), também com

foco em novas tecnologias digitais aplicadas a museus, discutem o processo de construção de registros da memória e da prática de jogar futebol na cidade de São Paulo com o objetivo de trazer uma experiência inovadora em museus;

- o artigo *Anthropology in the Museum: reflections on the curatorship of the Xikrin Collection*, em que Silva e Gordon (2013), em outra direção temática, tomam como foco uma experiência curatorial compartilhada da coleção etnográfica Xikrin, analisando dinâmicas entre antropólogos, povos indígenas e museus;
- o artigo *Visible art, invisible artists? The incorporation of Aboriginal objects*, em que Goldstein (2013), com base em outro ângulo — o de incorporação de objetos indígenas da arte aborígene australiana em espaços museais —, analisa o crescente interesse do público australiano por esse tipo de arte, observando, contudo, a contradição de que os autores e detentores desse patrimônio (objetos aborígenes) são silenciados ou ignorados pelo mesmo público que os apreciam apenas como artefatos artísticos, visualizados nas vitrines nos museus; e
- o artigo *Kuabí: the indians of the Lower Oiapoque and their museum*, em que Vidal (2013), também com o olhar atento aos museus indígenas, analisa o processo de construção do museu dos povos indígenas do Oiapoque (Amapá) com base na própria experiência como antropóloga na região de Oiapoque. O artigo vem acompanhado de um vídeo etnográfico produzido por Regina Abreu.

Nessa linha geral de questionamento, outras perspectivas são consideradas em artigos e livros publicados aqui mencionados. Geralmente, nos debates dedicados aos museus de antropologia é tônica recorrente o protagonismo de povos indígenas que criaram os próprios museus: os chamados “museus de si”. Conforme é destacado em vários textos, tais iniciativas deram vozes a determinados grupos que outrora constituíam as figuras de alteridade nas macronarrativas nacionais, expostas nas vitrines dos museus históricos, de ciências e de antropologia. O que se vai observar como denominador comum nos museus relacionados a povos indígenas e outros grupos étnicos é a transformação de práticas de colecionamento tradicionais em lutas pelo reconhecimento de seus direitos e suas memórias. Por outro lado, como mostram alguns trabalhos aqui analisados, isso impõe desafios para os museus. De acordo com alguns casos relatados neste artigo, esses museus já não deveriam falar em nome desses “outros”, nem tampouco representá-los cognitivamente sem a consulta prévia do que eles pensam e como querem ver a si próprios e se autorrepresentarem nos museus. Alguns artigos e capítulos de livros — cada um a seu modo — tratam de questões relacionadas a esses desafios.<sup>18</sup>

Outra contribuição do Comitê de Patrimônio e Museus da ABA é o livro organizado por Abreu, Lima Filho e Athias (2016): *Museus e atores sociais: perspectivas antropológicas*. A coletânea é pensada com base em uma antropologia dos museus que se propõe a refletir criticamente sobre novos desafios de compreensão e entendimento de processos mu-

---

18 Araújo (2017); Gomes e Oliveira (2010); Gomes e Vieira Neto (2018); Gomes (2018); Alcântara (2019); Russi e Abreu (2019); Van Velthem, Kukawka e Joanny (2017); Vieira (M. A. N., 2019); Shepard Jr. (2017); Garces (2017); Dias (2019); Augustat e Kapfhammer (2017); Athias (2016); Cury (2016); Abreu e Oliveira (2016); Lima Filho (2016); Lima (2016).

seais, de acervos e coleções, como também de exposições e suas narrativas, além de práticas curatoriais compartilhadas. A coletânea reúne trabalhos de alguns antropólogos que buscam refletir temas ligados a coleções etnográficas, processos expositivos (Oliveira; Santos, 2016), museus e cultura popular (Cavignac, 2016), narrativas e memórias coletivas em espaços urbanos (Abreu; Oliveira, 2016) e retóricas expositivas (Lima, 2016). Com inflexão analítica no diálogo intercultural nos museus, destacam-se as contribuições de Marília Xavier Cury (2016) sobre museus e indígenas; o trabalho de Manuel Ferreira Lima Filho (2016, p. 184), que explora os “significados das coisas na configuração dos níveis cosmológicos Karajá” da coleção William Lipkind do Museu Nacional; e Renato Athias (2016), que se debruça sobre a patrimonialização de objetos indígenas vivos em museus.

Nesse compasso dinâmico do Comitê da ABA, veio à lume em 2019 o livro organizado por Izabela Tamasso, Renata de Sá Gonçalves e Simone Vassalo dedicado a um tema emergente direcionado ao papel de antropólogo(a)s na esfera das políticas públicas de cultura e suas agências no âmbito do patrimônio e dos museus, reiterando o engajamento político dessas instituições na luta por direitos culturalmente diferenciados. Complementando o tema da gestão e das políticas culturais no âmbito do patrimônio e dos museus, destaca-se igualmente a seção organizada por Tamasso, Gonçalves e Vassalo

(2019) no livro *A antropologia e a esfera pública no Brasil: perspectivas e prospectivas sobre a Associação Brasileira de Antropologia no seu 60º aniversário* (2018), que inclui dois artigos sobre o tema das políticas públicas sobre museu (Motta; Oliveira, 2018) e sobre patrimônio (Arantes, 2018).

Ainda com a intenção de contemplar algumas tendências mais recentes no campo da antropologia dos museus, Maciel e Abreu (2019) organizaram o dossiê “Antropologia dos Museus”. Os trabalhos nele reunidos, cada um a seu modo, buscam repensar criticamente o lugar dos museus de antropologia, alguns deles a considerar objetos e coleções como mediadores de relações sociais, aptos a promoverem o diálogo crítico com diferentes grupos étnicos e minorias sociais convidados a intervirem nos museus e neles se verem representados. Em diálogo com questões também relacionadas a coleções e processos de musealização, Valdivieso e Lima Filho organizaram o dossiê “Coleções Etnográficas e Processos Museológicos” (2019).<sup>19</sup>

## **De insurgências a ressurgências**

Um divisor de águas decisivo para o fortalecimento e a expansão do campo de estudos aqui analisado é o diálogo da antropologia como a nova museologia, que a partir dos anos 1990 se tornaria no Brasil mais conhecida pela denominação “museologia social” ou “sociomuseologia”.<sup>20</sup> De acordo com as

19 A destacar as seguintes contribuições: Gomes (2019); Delaitre e Robert (2019); Bollettin (2019); Mano (2019); Ortiz (2019).

20 Moutinho (2014, p. 423) define a sociomuseologia como uma “abordagem multidisciplinar [que] visa consolidar o reconhecimento da museologia como recurso para o desenvolvimento sustentável da humanidade, assentada na igualdade de oportunidades e na inclusão social e econômica. A Sociomuseologia assenta a sua intervenção social no patrimônio cultural e natural, tangível e intangível da humanidade. O que caracteriza a Sociomuseologia não é propriamente a natureza dos seus pressupostos e dos seus objetivos, como acontece em outras áreas do conhecimento, mas a interdisciplinaridade com que apela a áreas do conhecimento perfeitamente consolidadas e as relaciona com a Museologia propriamente dita”.

observações de um de seus mais destacados expoentes, Chagas, a museologia social:

[...] está comprometida com a redução das injustiças e desigualdades sociais; com o combate aos preconceitos; com a melhoria da qualidade de vida coletiva; com o fortalecimento da dignidade e da coesão social; com a utilização do poder da memória, do patrimônio e do museu a favor das comunidades populares, dos povos indígenas e quilombolas, dos movimentos sociais, incluindo aí o movimento LGBT, o MST e outros (Chagas; Gouveia, 2014a, p. 17).

Novos temas e materiais de pesquisa emergiriam nesse cenário. Já não se trata apenas de estudar os modelos de museus tradicionais, geralmente calcados na legitimidade de seus acervos e coleções, tampouco as representações do passado. Alguns trabalhos demonstram que os museus também são capazes de atualizar o presente por meio de disputas de narrativas e lutas por memórias, podendo ser entendidos como veículos de transformações sociais e de agendas políticas. Em parte isso se deve ao protagonismo de novos sujeitos de direito que ascenderam à cena pública, muitos deles oriundos de movimentos sociais que eclodiram durante o processo de redemocratização do país nos anos 1980, tornando-se porta-vozes das reivindicações de indígenas, negros, afrodescendentes, quilombolas, populações rurais, jovens das periferias urbanas, mulheres, lésbicas, gays, transexuais, transgêneros, mora-

dores de rua, “sem-terra”, “sem teto”, entre outros.

Um exemplo disso é o dossiê “Museologia Social”, organizado por Chagas e Gouveia (2014), que põe em evidência “narrativas polifônicas” com base em trocas colaborativas e simétricas entre agentes sociais, grupos étnicos, minorias sociais, profissionais da museologia, da antropologia e de diferentes áreas do conhecimento. Para os casos dos museus comunitários, indígenas, quilombolas e outras tipologias análogas, forças sociais são mobilizadas em torno das narrativas sociomuseais com base em diferentes situações de conflitos, disputas e negociações de sentidos direcionadas para a definição e o conceito daquilo que se pretende musealizar.<sup>21</sup>

Desse modo, a nova retórica da identidade das minorias e das políticas de reconhecimento ou reparatórias passa a constituir uma importante categoria discursiva e aplicativa a compor e influenciar a agenda das políticas públicas no país, especialmente dos museus, que a partir de então passaram frequentemente a ser entendidos, em sua extensão semântica, como instituições sociais com agendas políticas. Nessa perspectiva de compreensão, muitos trabalhos foram publicados em livros, dossiês temáticos e artigos periódicos, com enfoques diferenciados.<sup>22</sup>

Outras tipologias e escalas de museus foram igualmente contempladas pela perspectiva mais ampla da museologia social. Museus territoriais, ecomuseus e similares são analisados como experiências que envolvem conquistas coletivas de direitos e cidadania,

21 No dossiê “Museologia Social” destacam-se: Santos (2014, p. 329-336); Dalla Zen (2014, p. 355-372); Gomes e Vieira (2014, p. 389-414); Silva e Januário (2014, p. 415-420); Sperb e Hansen (2014, p. 251-271); Pires (2014, p. 225-238).

22 Consultar: Cordeiro (2019); Portilho (2018); Abreu e Chagas (2007); Vieira (2007); Ferreira (2007); Tolentino e Franch (2017); Alcântara e Gontijo (2015); Heitor (2018); Sá Barreto, Menezes Neto e Lima (2019).

atuando como uma espécie de ferramenta que garante a participação de comunidades na construção e na gestão de políticas públicas criadas durante o período de ordem democrática no país.<sup>23</sup>

Temos até aqui uma amostra representativa de alguns temas recorrentes e outros emergentes que se integram ao repertório da produção aqui analisada. Todavia, cumpre destacar a presença de novos marcadores temáticos que surgiram mais recentemente. Uma das tônicas é pensar os museus como parte de um mundo em transformação, em que fronteiras geográficas diminuíram ou até mesmo desapareceram com o desencaixe do espaço-tempo. Nesse sentido, o papel do imaterial e dos serviços ligados à produção desse imaterial é certamente uma das características mais evidentes do mundo contemporâneo, marcado em grande medida pela desmaterialização e pela virtualização da vida social, inclusive dos museus, como recurso tecnológico empregado para diferentes finalidades. Assim, os chamados museus digitais também se tornaram temas de pesquisa, com diferentes focos de inflexão.<sup>24</sup>

Todavia, entre os indicadores de maior recorrência temática, destacam-se artigos e capítulos de livros dedicados a experiências com “museus afrodigitais”. Trata-se de um projeto acadêmico em rede que envolveu diversos antropólogos — Sansone (UFBA), Motta (UFPE), Ferretti (UFMA), Santos

(UFRJ) — em torno de temas ligados à produção de memórias sociais e demandas identitárias de populações do continente africano e de afrodescendentes no Brasil, tendo como interfaces processos de patrimonialização e musealização digitais, curadorias digitais, restituições de acervos digitais etc. Um dos temas recorrentes nesses trabalhos é a inflexão analítica sobre diferentes formas de discriminação racial, ao mesmo tempo que consideram os espaços museais — sejam presenciais, sejam virtuais — ferramentas políticas de denúncia social, sendo capazes de dialogar e contribuir com políticas indenitárias e ações afirmativas na luta contra o preconceito.<sup>25</sup>

Outro elo de diálogo entre antropologia e museus são processos curatoriais em exposições temporárias ou de longa duração dedicadas a temas contemporâneos, como também curadorias compartilhadas, encampando novas formas de expressão como recurso expográfico e museográfico.<sup>26</sup> No âmbito da teoria dos objetos, os museus têm igualmente buscado novas formas de entendimento e interpretação, entre elas, a de que os objetos podem ter suas próprias agências, permitindo, assim, constituírem sistemas de ação, o que explica, em alguns casos, por que os objetos etnográficos musealizados foram capazes de resistir às representações atemporais que os museus costumavam geralmente impor sobre eles e suas

---

23 Entre outras contribuições, destacam-se: Ribeiro e Moreira (2014, p. 289-305); Botelho e Paolino (2014, p. 307-313); Martins (2014, p. 315-328); Costa, Delambre e Ferrari (2015, p. 337-353). Em outra direção de enfoque e perspectiva conceitual sobre ecomuseus, é possível considerar os artigos de Santos (2005a) e Soares (2014; 2015).

24 Dodebei (2006); Gouveia e Dodebei (2007); Galvão e Bernardes (2011); Machado (2017); Brisa (2017); Coutinho e Santos (2009); Diniz e Oliveira (2015); Eichler e Del Pino (2007); Lima (2019); Machado e Soares (2018); Roza (2014).

25 Entre as contribuições desse projeto, destacam-se: Santos (2010, 2012); Ferretti (2012); Sansone (2013); Silva (2019); Gonçalves e Castro (2018); Martins (2019).

26 Motta (2012); Motta e Oliveira (2013; 2014); Menezes Neto e Costa (2019); Russi e Abreu (2019); Lima Filho e Porto (2019).

coleções. Desse modo, alguns museus passaram a considerar seus objetos e suas coleções como mediadores de relações sociais, aptos a promoverem o diálogo crítico com diferentes grupos étnicos e em sua diversidade social e cultural, convidados para intervirem nos museus e neles se verem representados.

Do mesmo modo, algumas exposições têm sugerido propostas inovadoras, encampando temas como o de gênero, sexualidade, identidades não binárias, LGBT e Queer Museu etc. Nos últimos anos, observa-se um percentual significativo de trabalhos que têm questionado hierarquias de poder, direitos sexuais e reprodutivos, diversidade sexual e de gênero como categoria de inclusão nos espaços museais.<sup>27</sup>

Há também mudanças qualitativas no diálogo entabulado entre antropologia e museus. Tanto o uso da historicidade, direcionado a diferentes momentos e períodos da constituição de coleções e formações de acervos étnicos nos museus, quanto a inflexão dada ao sistema de objetos com base em representações conceituais vinculadas a determinados contextos têm, pouco a pouco, cedido espaço para a investigação de novos fenômenos contemporâneos, relacionados às transformações do campo museal no presente.

### **Um campo em movimento**

Acompanhando discussões teóricas atuais no campo da antropologia e das ciências sociais em geral, algumas tendências aqui analisadas têm buscado desconstruir narrativas museais do passado, ainda sedimentadas no presente, por meio de novos olhares de compreensão da realidade. Como se

pode perceber, tais mudanças sinalizam uma direção positiva na abertura dos museus para o experimento, para a pluralidade de vozes, de narrativas e representações mais inclusivas, rompendo com moldes datados, de representações passadas.

Ao que tudo indica, essa é também uma das orientações mais recentes do campo aqui analisado. Isso porque a emergência de novos temas tende a acompanhar as mudanças operadas no campo heurístico da antropologia. Como se sabe, a partir da década de 1980, a antropologia começou a abandonar cada vez mais uma concepção estrutural da vida social para adotar uma perspectiva mais dinâmica, em que os sujeitos, em sua diversidade social e não apenas étnica e/ou cultural, pudessem se tornar protagonistas de mudanças na cena política e intervir no presente.

Como observado no levantamento aqui realizado, infere-se que essa produção cresceu quantitativamente e sua diversidade temática demonstra também acentuado crescimento nos últimos dez anos. Ademais, essa produção mais recente tem revisitado criticamente antigos temas de pesquisa, como também abarcado novos campos temáticos e introduzido novas questões conceituais e metodológicas no debate sobre antropologia e museus.

Outra tendência observada é a predominância de formulações e reflexões teóricas sobre campos empíricos tradicionalmente visitados. Como já havia chamado a atenção Roberto Cardoso de Oliveira, uma das tradições que marcam o campo de formação da antropologia brasileira é a forte presença da etnologia indígena e a da chamada antropologia da sociedade nacional (Cardoso de

---

27 Destacam-se: Almeida e Almeida (2019); Amaral (2019); Baptista e Boita (2014; 2017a; 2017b); Baptista *et al.* (2019); Pinto (2012); Baptista (2019); Baptista e Boita (2014); Vaquinhas (2014); Audebert, Wichers e Queiroz, (2019); Rechená (2014).

Oliveira, 1985), aqui representada pelas coleções etnográficas e pelas questões tratadas à luz de processos históricos que envolvem representações do passado, de memórias nacionais, identidades e diferentes fases da construção da Nação.

Tal sensibilidade fixaria um tipo de orientação que Cardoso de Oliveira (1985, p. 230) identificou para o caso brasileiro como a “preponderância do objeto real sobre objetos teoricamente construídos”, reproduzindo assim uma tradição que conflui quase sempre para a autorreferência nacional. No caso aqui analisado, observa-se um esforço mais recente dessa superação na medida em que alguns pesquisadores tendem a redirecionar suas formas de olhar e de repensar seus objetos de pesquisa com base em constructos teóricos aplicados ao campo empírico dos museus e de suas novas formas de comunicação e expressão. Desse modo, isso tem possibilitado à produção mais recente atualizar o seu repertório temático em razão da análise de novos fenômenos socioculturais no campo museal, que além de seus acervos tradicionais, envolvem também mudanças e relações sociais mais amplas na esfera da política, da economia e do poder. Nota-se igualmente maior abertura e questionamento teórico e metodológico dos pesquisadores alinhados ao debate internacional. Não obstante a tais avanços, alguns temas ainda têm sido pouco considerados nessa produção mais recente, notadamente os relacionados à arte contemporânea produzida por grupos étnicos nacionais e internacionais. Há várias tendências culturais oriundas de sociedades africanas em contextos urbanos e transnacionais, como o “afrofuturismo”, assim como outras vanguardas artísticas asiáticas e latino-americanas conectadas a museus e galerias de arte internacionais, embrin-

cadadas no consumo e no desejo de inserção em processos culturais de mundialização. Observa-se também acentuada tendência crítica de “descolonizar os museus” e, mais recentemente, o questionamento à presença de monumentos públicos que exaltam personagens históricos controversos, tornando-se alvo de protestos e de pautas polêmicas em escala global.

Como foi observado anteriormente, no Brasil, parte desse considerável avanço se deve também às conquistas democráticas no campo da cultura e especialmente no campo dos museus e das políticas culturais que possibilitaram a emergência de novos campos de atuação para antropólogos e antropólogas na esfera pública e principalmente nos museus, concorrendo assim para o surgimento de novos temas de pesquisa.

Todavia, o período em que se encerra essa revisão do campo não é um dos mais promissores. Isso porque coincide com circunstâncias adversas que impactam o campo museal e o do patrimônio cultural. Com a imposição de medidas sanitárias de contenção à pandemia da Covid-19, o confinamento social tem imposto novos desafios aos museus como também às manifestações da cultura imaterial, notadamente as que envolvem celebrações e práticas da vida social. Soma-se a isso o momento crítico de uma nova ruptura da institucionalidade democrática no Brasil, marcada pelo retrocesso, pela intolerância, pela repressão e pela censura.

O discurso do atual governo tem sido autoritário e restritivo a todos os avanços e as conquistas na área da cultura, anteriormente comentados, principalmente no que diz respeito aos direitos fundamentais e, mais ainda, à lógica das políticas identitárias que até então definiram a pauta do debate público com ganhos para políticas culturais direcionadas aos museus e aos patrimônios cultu-



rais.<sup>28</sup> Acrescente-se ao quadro o incêndio ocorrido em setembro de 2018 que destruiu um dos principais patrimônios museológicos brasileiros: o Museu Nacional. Trata-se da primeira instituição museal brasileira que completou 200 anos de existência no ano em que ocorreu o sinistro.

Como é sabido, uma das primeiras medidas na atual conjuntura política foi a extinção do Ministério da Cultura (MinC), que ganhou novo *status* de secretaria especial de cultura, sendo incorporada ao recém-criado Ministério da Cidadania e, posteriormente, ao Ministério do Turismo. Esse ministério absorveu também dois importantes órgãos anteriormente vinculados ao MinC: o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e o Ibram. Com a extinção de uma poderosa autarquia que foi o Ibram para se tornar uma secretaria de museus no Ministério do Turismo, ações culturais direcionadas aos museus encontram-se paralisadas e alguns deles sem recursos financeiros para se manterem. No âmbito do patrimônio cultural há um desmonte violento que atinge frontalmente a sua principal instituição nacional, o Iphan, comprometendo e ameaçando sua política de preservação, salvaguarda e memória de patrimônios culturais no país.

O discurso político nesse contexto neo-conservador e autoritário, além de descaracterizar a importância da cultura, da ciência e tecnologia, faz-se especialmente presente nas acusações, nas perseguições tanto ao fazer antropológico e das ciências sociais quanto das populações que sempre foram parceiras na construção de conhecimentos, dos patrimônios e dos museus, e que se encontram seriamente ameaçadas. Provavelmente de-

correrão, desse contexto atual, impactos incomensuráveis na área aqui analisada.

## Agradecimentos

Os autores agradecem a Regina Abreu pela leitura do texto e a Mana Rosa e Camila Maria Santos pela ajuda no levantamento do material de pesquisa.

## Revistas

Foram alvo deste balanço as produções publicadas nas seguintes revistas: *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*; *Artefactum*; *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas*; *Brazilian Journal of Information Science: Research Trends*; *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*; *Cadernos de Sociomuseologia*; *Cadernos do CEOM*; *Ciência da Informação*; *Comunicação e Sociedade*; *Cultura Histórica & Patrimônio*; *DataGramaZero – Revista de Ciência da Informação*; *Em Questão*; *Ensino Em Re-Vista*; *Estudos de Sociologia*; *Horizonte Antropológico*; *Informação e Sociedade: Estudos*; *Journal Virtual Reality*; *Mana*; *Memória e Informação*; *MIDAS – Museus e Estudos Interdisciplinares*; *MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia*; *Museologia & Interdisciplinaridade*; *Museologia e Patrimônio*; *Museu da Paisagem – Narrativas e Experiência do Lugar*; *O Caráter Político dos Museus*; *Páginas A&B, Arquivos e Bibliotecas*; *Perspectivas em Ciência da Informação*; *RENOTE – Revista Novas Tecnologias na Educação*; *Revista Arqueologia Pública*; *Revista Brasileira de Ciências Sociais*; *Revista Cubana de Información y Comunicación*; *Revista de Arqueologia Pública*; *Revista de*

---

28 Sobre o assunto, consultar: Motta (2018d, 2019).

*Estudos de Conflito e Controle Social; Revista do Centro de Pesquisa e Formação; Revista Eletrônica Ventilando Acervos; Revista História Hoje; Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR; Revista Internacional de Humanidades; Revista Memória; Revista Memória LGBTQI+; Revista Morpheus – Estudos Interdisciplinares em Memória Social; Revista Museu Virtual; e Tempo.*

## Eventos

Também foram observadas as publicações contidas nos anais dos seguintes even-

tos: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (Enancib) (2010; 2012; 2016; 2017); Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação; II Sebramus; II Seminário de Pesquisa em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola; III Sebramus; IX Jornada Internacional de Políticas Públicas; Seminário Internacional em Direitos Humanos e Sociedade; VII Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia; XI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Nordeste; XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

## Bibliografia

- ABREU, R. **A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil.** Rio de Janeiro: Roco, 1996.
- ABREU, R. Entre o universal e o singular, o museu. Notas sobre a experiência dos índios waiápi no Museu do Índio. *In: BITTENCOURT, J. N.; BENCHETRIT, S. F.; TOSTES, V. L. B. História representada: o dilema dos museus.* Rio de Janeiro: MHN; IPHAN; Mine, 2003. p. 157-172.
- ABREU, R. Museus etnográficos e práticas de colecionamento: antropofagia dos sentidos. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 31, p. 100-125, 2005.
- ABREU, R. Patrimonialização das diferenças e os novos sujeitos de direito coletivo no Brasil. *In: TARDY, C.; DODEBEI, V. (orgs.). Memória e novos patrimônios.* 1. ed. Marseille: OpenEdition Press, 2015. v. 1, p. 67-93.
- ABREU, R.; CHAGAS, M. (orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2003.
- ABREU, R.; CHAGAS, M. Museu da Favela da Maré: memórias e narrativas a favor da dignidade social. **Musas – Revista Brasileira de Museus**, n. 3, 2007.
- ABREU, R.; CHAGAS, M. S.; SANTOS, M. S. (orgs.). **Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas.** Rio de Janeiro: Garamond Universitária; Brasília, DF: Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centro Culturais, 2007.
- ABREU, R.; LIMA FILHO, M. F. A antropologia e o patrimônio cultural no Brasil. *In: LIMA FILHO, M. F.; BELTRÃO, J. F.; ECKERT, C. (orgs.). Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios.* Blumenau: Nova Letra, 2007. p. 21-43.
- ABREU, R.; LIMA FILHO, M. F. A trajetória do GT de Patrimônios e Museus da Associação Brasileira de Antropologia. *In: TAMASO, I.; LIMA FILHO, M. F. (orgs.). Antropologia e patrimônio cultural: trajetórias e conceitos.* 1. ed. Goiânia: Editora da UFG, 2012. p. 25-57.
- ABREU, R.; LIMA FILHO, M. F.; ATHIAS, R. (orgs.). **Museus e atores sociais: perspectivas antropológicas.** 1. ed. Recife: Editora UFPE; Brasília, DF: ABA Publicações, 2016.

- ABREU, R.; OLIVEIRA, R. A. Museus, narrativas e memória coletiva no Rio de Janeiro. *In*: ABREU, R.; LIMA FILHO, M. F.; ATHIAS, R. (orgs.). **Museus e atores sociais**: perspectivas antropológicas. 1. ed. Recife: Editora UFPE; Brasília, DF: ABA Publicações, 2016. p. 111-133.
- ABREU, R.; RUSSI, A. Cartografia dos museus de Antropologia no Brasil: onde o outro nos habita. *In*: COSTA, A. L. A.; LEMOS, E. B. R. (orgs.). **Anais – 200 anos de museus no Brasil**: desafios e perspectivas. Brasília, DF: Instituto Brasileiro de Museus, 2018. p. 232-268.
- AGOSTINHO, M. B. A exposição antropológica brasileira de 1882: a sala Lund e a exibição de remanescentes humanos no Museu Nacional. **Revista Eletrônica Ventilando Acervos**, v. especial, n. 1, p. 36-48, 2019.
- ALCÂNTARA, C. F. S. M. Museus em periferias urbanas brasileiras. **Horizontes Antropológicos**, v. 25, n. 53, p. 169-201, 2019. <https://doi.org/10.1590/s0104-71832019000100007>.
- ALCÂNTARA, C. F. S. M.; GONTIJO, F. S. Os museus, as coisas e as comunidades: novas percepções a partir do Bairro da Terra Firme em Belém, PA. **Revista Eletrônica Ventilando Acervos**, v. 3, n. 1, p. 92-109, nov. 2015.
- ALMEIDA, J. C.; ALMEIDA, J. A. O caso “QUEER MUSEU – cartografias da diferença na arte brasileira” e o sistema de classificação etária de exposições no direito brasileiro. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM DIREITOS HUMANOS E SOCIEDADE, 2., 2019, Criciúma. **Anais [...]**. Criciúma: Unesc, 2019.
- AMARAL, F. Os quatro caminhos para o lete: o orgulho de objetos, coleções e acervos LGBTQTTQ na desmemória. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE MUSEOLOGIA, 2., 2014, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: Seminário Internacional de Museologia, maio 2014, v. 1, n. 1, p. 237-249.
- AMARAL, F. Museus, uso social da informação e homofobia institucional: uma perspectiva documental. *In*: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE MUSEOLOGIA, 2., 2019, Recife. **Anais [...]**. Recife: *SEBRAMUS*, 2019.
- ANDRADE, R. S. G. Etnicidade e fronteira nas práticas de colecionamento no médio Araguaia. *In*: LIMA FILHO, M. F.; PORTO, N. (orgs.). **Coleções étnicas e museologia compartilhada**. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2019. p. 193-222.
- ARANTES, A. A. Fórum Interamericano e Caribenho do Patrimônio Cultural – um breve histórico de sua constituição. *In*: SOUZA LIMA, A. C.; BELTRÃO, J. F.; LOBO, A.; CASTILHO, S.; LACERDA, P.; OSÓRIO, P. (orgs.). **A antropologia e a esfera pública no Brasil**: perspectivas e prospectivas sobre a Associação Brasileira de Antropologia no seu 60º aniversário. Rio de Janeiro: E-papers; Brasília, DF: Associação Brasileira de Antropologia, 2018. p. 493-501.
- ARANTES, A. A.; MOTTA, A. (orgs.). Dossier “Cultural Heritage and Museums”. **Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology**, v. 10, n. 1, Jan./June 2013.
- ARAÚJO, H. M. M. Museu da Maré: entre educação, memórias e identidades. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 12, n. 3, p. 939-949, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222017000300015>.
- ATHIAS, R. Objetos indígenas vivos em museus: temas e problemas sobre a patrimonialização. *In*: ABREU, R.; LIMA FILHO, M. F.; ATHIAS, R. (orgs.). **Museus e atores sociais**: perspectivas antropológicas. 1. ed. Recife: Editora UFPE; Brasília, DF: ABA Publicações, 2016. p. 189-211.
- ATHIAS, R. Entre máscaras, maracás, imagens e objetos xamânicos em museus. *In*: LIMA FILHO, M. F.; PORTO, N. (orgs.). **Coleções étnicas e museologia compartilhada**. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2019. p. 165-192.
- ATHIAS, R.; GOMES, A. O. (orgs.). **Coleções etnográficas, museus indígenas e processos museológicos**. Recife: Editora UFPE, 2018.

- AUDEBERT, A.; WICHERS, C. A. de M.; QUEIROZ, M. S. Interfaces críticas entre museologia, museus e gênero. *In: ARAÚJO, B. M. et al. **Museologia e suas interfaces críticas [recurso eletrônico]:** museu, sociedade e os patrimônios.* Recife: Editora UFPE, 2019. p. 96-110.
- AUGUSTAT, C.; KAPFHAMMER, W. Looking back ahead: a short history of collaborative work with indigenous source communities at the Weltmuseum Wien. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 12, n. 3, p. 749-764, 2017. <https://doi.org/10.1590/1981.81222017000300005>.
- AZEVEDO, C. A.; ALFONSI, D. A. Within the dialog between anthropology and museums: the Reference Center for Brazilian Football. **Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology**, v. 10, n. 1, p. 552-575, June 2013.
- BAPTISTA, J. Nada de novo *front*: o episódio QueerMuseu enquanto continuidade da LGBTFobia nacional e museológica. *In: ARAÚJO, B. M. **Museologia e suas interfaces críticas [recurso eletrônico]:** museu, sociedade e os patrimônios.* Recife: Editora UFPE, 2019. p. 82-95.
- BAPTISTA, J.; BOITA, T. Protagonismo LGBT e museologia social: uma abordagem afirmativa aplicada à identidade de gênero. **Cadernos do CEOM**, v. 27, n. 41, p. 175-192, 2014.
- BAPTISTA, J.; BOITA, T. Museologia comunitária, comunidades LGBT e Direitos Humanos: estratégias de superação de fobias à diversidade sexual no Brasil. **Ventilando Acervos**, n. 1, p. 132-146, 2017a. <https://doi.org/10.36572/csm.2017.vol.54.02>.
- BAPTISTA, J.; BOITA, T. Museologia e Comunidades LGBT: mapeamento de ações de superação das fobias à diversidade em museus e iniciativas comunitárias do globo. 2017. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 54. s.1, p. 29-56, 2017b. <https://doi.org/10.36572/csm.2017.vol.54.02>.
- BELTRÃO, J. F.; CAROSO, C. Patrimônio, linguagens e memória social: problemas, estudos e visões no campo da antropologia. *In: LIMA FILHO, M. F.; BELTRÃO, J. F.; ECKERT, C. **Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos.*** Blumenau: Nova Letra, 2007. p. 45-55.
- BEVILACQUA, J. R. S. As esculturas *coke* como respostas às assimetrias civilizacionais. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 25, n. 2, p. 117-139, 2017. <https://doi.org/10.1590/1982-02672017v25n2d05>.
- BEZERRA, M.; LIMA FILHO, M. F. Os caminhos do patrimônio no Brasil. **Revista de Arqueologia**, v. 19, n. 1, p. 147-150, 2006. <https://doi.org/10.24885/sab.v19i1.221>.
- BITENCOURT, R. Desafios da diversidade: a diáspora negra e os museus. *In: COSTA, A. L. A.; LEMOS, E. B. R. (orgs.). **Anais – 200 anos de museus no Brasil: desafios e perspectivas.*** Brasília, DF: Ibram, 2018. p. 290-297.
- BOLLETTIN, P. As vidas dos artefatos Ameríndios amazônicos numa coleção etnográfica italiana. **Revista Antropológicas**, v. 30, n. 2, p. 63-90, 2019.
- BOTELHO, M.; PAOLINO, C. Ecomuseu Rural de Barra Alegre preservando o patrimônio presente nas áreas rurais. **Cadernos do CEOM**, n. 41, p. 307-313, 2014.
- BRISA, Z. Virtual ou não: eis a questão! – conceitos fundamentais para a (des) construção de um museu dito “virtual”. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 53, n. 9, 2017. <https://doi.org/10.36572/csm.2017.vol.53.12>
- BRITTO, C. C.; AGUIAR, F. J. F.; AGUIAR, J. C. T. Encruzilhadas museológicas: ressonâncias da presença/ausência de Exu no Museu Afro-Brasileiro de Sergipe. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 27, 2019.
- BRITTO, C. C.; CUNHA, M. N. B.; CERÁVOLO, S. M. (orgs.). **Estilhões da Memória: o Nordeste e a reescrita das práticas museais no Brasil.** Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2020.
- BRUNO, M. C. O. Patrimônio, identidades e metodologias de trabalho: um olhar museológico sobre a exposição São Paulo 450 anos. *In: ABREU, R.; CHAGAS, M. S.; SANTOS, M. S. (orgs.). **Museus, coleções e patrimônios:***

- narrativas polifônicas. Rio de Janeiro: Garamond Universitária; Brasília, DF: Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centro Culturais, 2007. p. 324-332.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. O que é isso que chamamos de antropologia brasileira?. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, R. Sobre o **pensamento antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq, 1988. p. 109-128.
- CASTRO, M. B.; SANTOS, M. S. Abdias do Nascimento e o Museu de Arte Negra. **MODOS – Revista de História da Arte**, v. 3, n. 3, p. 174-189, 2019. <https://doi.org/10.24978/mod.v3i3.4235>
- CAVIGNAC, J. A. O museu sonhado: folclore e antropologia em terras potiguares. In: ABREU, R.; LIMA FILHO, M. F.; ATHIAS, R. (orgs.). **Museus e atores sociais: perspectivas antropológicas**. 1. ed. Recife: Editora UFPE; Brasília, DF: ABA Publicações, 2016. p. 73-110.
- CHAGAS, M. **Imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro**. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003a.
- CHAGAS, M. S. Memória política e política de memória. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. S. (orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003b. p. 136-167.
- CHAGAS, M. S. Museu do Índio: uma instituição singular e um problema universal. LIMA FILHO, M. F.; BELTRÃO, J. F.; ECKERT, C. **Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos**. Blumenau: Nova Letra, 2007. p. 175-198.
- CHAGAS, M. S. **A imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro**. Brasília, DF: IBRAM, 2009.
- CHAGAS, M. S. Museu, museologia e pensamento social brasileiro. **Cadernos do CEOM**, v. 18, n. 21, p. 13-44, 2014. Dossiê “Museus: pesquisa, acervo, comunicação”.
- CHAGAS, M. S.; GOUVEIA, I. Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). **Cadernos do CEOM**, v. 27, n. 41, p. 9-22, 2014. Dossiê “Museologia Social”.
- CORDEIRO, T. O. A. As dimensões da construção social do patrimônio no Museu Vivo do São Bento. **Cadernos do CEOM**, v. 32, n. 51, p. 59-69, 2019.
- CORRÊA, A. F. Metamorfoses conceituais do Museu de Magia Negra: primeiro patrimônio etnográfico do Brasil. In: LIMA FILHO, M. F.; BELTRÃO, J. F.; ECKERT, C. **Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos**. Blumenau: Nova Letra, 2007. p. 287-318.
- COSTA, K.; DELAMBRE, D.; FERRARI, P. A. Ecomuseu Nega Vilma: patrimônio cultural no pico do Santa Marta. **Cadernos do CEOM**, v. 27, n. 41, p. 337-353, 2014.
- COUTINHO, P. A.; SANTOS, V. D. Projeto ex-votos do Brasil: o museu digital dos ex-votos e a comunicação através dos signos ex-votivos. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 11., 2009, Teresina. **Anais [...]**. Teresina: Intercom, 2009. p. 01-09.
- Couto, T. H. P. A tradução do objeto do “outro”. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. S.; SANTOS, M. S. (orgs.). **Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária; Brasília, DF: Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centro Culturais, 2007. p. 179-202.
- CUNHA, M. N. B. Museus, memórias e culturas afro-brasileiras. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, n. 5, p. 78-88, 2019.
- CURY, M. X. Relações (possíveis) museus e indígenas – em discussão uma circunstância museal. In: ABREU, R.;

- LIMA FILHO, M. F.; ATHIAS, R. (orgs.). **Museus e atores sociais**: perspectivas antropológicas. 1. ed. Recife: Editora UFPE; Brasília, DF: ABA Publicações, 2016. p. 149-170.
- CURY, M. X. **Museus etnográficos e indígenas**: aprofundando questões, reformulando ações. São Paulo: Secretaria de Cultura e Economia Criativa: ACAM Portinari: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo: Museu Índia Vanuíre, 2020.
- CURY, M. X.; VASCONCELLOS, C. M.; ORTIZ, J. M. (orgs.). **Questões indígenas e museus**: debates e possibilidades. 1. ed. Brodowski: ACAM Portinari: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2012. (Museu Aberto Collection).
- DALLA ZEN, A. M. Entre a utopia e a atopia: a experiência do Programa Lomba do Pinheiro, Memória, Informação & Cidadania, Porto Alegre-RS. **Cadernos do CEOM**, v. 27, n. 41, p. 355-372, 2014.
- DANTAS, B. G. Tambores silenciosos: a saga dos objetos de terreiros no acervo do IHGSE. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, v. 1, n. 44, p. 21-50, 2014.
- DELAÏTRE, A.; ROBERT, P. De l'Amazonie Brésilienne aux Musées Français: parcours de collections et processus de légitimation. **Revista Antropológicas**, v. 30, n. 2, p. 38-62, 2019.
- DELLAMORE, C. **Marcas da clandestinidade**: memórias da ditadura militar brasileira. Brasília, DF: IBRAM, 2011.
- DIAS, C. C.; LIMA, A. C. S. O Museu Nacional e a construção do patrimônio histórico nacional. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 3, p. 199-221, 2012.
- DIAS, C. C. M. G. A trajetória de um “museu de fronteira”: a criação do Museu da Imagem e do Som e os aspectos da identidade carioca (1960–1965). In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003. p. 199-213.
- DIAS, J. B. Histórias contadas: análise de uma experiência entre os Anishinabe. **Horizontes Antropológicos**, v. 25, n. 53, p. 257-281, 2019. <https://doi.org/10.1590/s0104-71832019000100010>.
- DIAS, N. Antropologia e museus: que tipo de diálogo?. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. S.; SANTOS, M. S. (orgs.). **Museus, coleções e patrimônios**: narrativas polifônicas. Rio de Janeiro: Garamond Universitária; Brasília, DF: Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centro Culturais, 2007. p. 126-137.
- DINIZ, L. A. G.; OLIVEIRA, A. J. A. Museu digital e nanoarte: novos sujeitos para novos conteúdos. **ARTEFACTUM – Revista de Estudos em Linguagens e Tecnologia**, v. 11, n. 2, 2015.
- DODEBEL, V. Patrimônio e memória digital. **Revista Morpheus – Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, v. 5, n. 8, p. 1-15, 2006.
- DÖPCKE, W. Ordem, exotismo e raça – representações “do outro” num museu da província prussiana (1854–1943). **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio**, v. 4, n. 2, p. 3-25, 2011.
- DUARTE, L. F. D. O Museu Nacional: ciência e educação numa história institucional brasileira. **Horizontes Antropológicos**, v. 25, n. 53, p. 359-384, 2019. <https://doi.org/10.1590/s0104-71832019000100013>.
- EICHLER, M. L.; DEL PINO, J. C. Museus virtuais de ciências: uma revisão e indicações técnicas para o projeto de exposições virtuais. **RENOTE – Revista Novas Tecnologias na Educação**, v. 5, n. 2, p. 1-13, 2007. <https://doi.org/10.22456/1679-1916.14377>.
- EWBANK, C. O. Antropólogos, curadores de museus e museografia durante a gestão de Heloísa Alberto Torres no Museu Nacional (1938–1955). **MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia**, n. 8, p. 8-22, 2018.

- EWBANK, C. O.; LIMA FILHO, M. F. Por detrás de uma coleção do Museu Nacional do Rio de Janeiro: vozes, silêncios e desafios. **Midas – Museus e estudos interdisciplinares**, v. 8, p. 1-17, 2017. <https://doi.org/10.4000/midas.1233>.
- FABRIS, Y.; CORRÊA, R. O. (Re) encenando o popular: narrativas sobre a cultura brasileira em uma exposição. **Horizontes Antropológicos**, v. 25, n. 53, p. 203-225, 2019. <https://doi.org/10.1590/s0104-71832019000100008>.
- FAULHABER, P. Traduções Magüta: pensamento Ticuna e patrimônio cultural. *In*: LIMA FILHO, M. F.; BELTRÃO, J. F.; ECKERT, C. **Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos**. Blumenau: Nova Letra, 2007. p. 145-156.
- FERRAZ, J. A. F. Os desafios da preservação da memória na ditadura no Brasil. *In*: ABREU, R.; CHAGAS, M. S.; SANTOS, M. S. (orgs.). **Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária; Brasília, DF: Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centro Culturais, 2007. p. 20-47.
- FERREIRA, C. M.; LIMA, R. G. O museu de folclore e as artes populares. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 28, p. 100-119, 1999.
- FERREIRA, N. S. A. Um museu vivo, chamado Sacaca. **Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia**, n. 3, p. 109-116, 2007.
- FERRETTI, S. **Museus afrodigitais e políticas patrimoniais**. São Luís: EDUFMA, 2012.
- FRANÇA, B. L. F. C. De mercadoria a patrimônio nacional: arte e tecnologia indígena na formação de uma coleção para o Museu Nacional (1979-1981). **Revista Eletrônica Ventilando Acervos**, v. 5, n. 2, p. 56-77, nov. 2017.
- FRANCO, M. I. M. The city museum of São Paulo: a new design for city museums in the era of the megacity. **Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology**, v. 10, n. 1, p. 253-274, June 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-43412013000100013>.
- FREIRE, J. R. B. A descoberta do museu pelos índios. *In*: ABREU, R.; CHAGAS, M. (orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003. p. 217-253.
- GALLOIS, D. Acervo etnográfico como centro de comunicação intercultural. **Ciências em Museus**, v. 1, n. 2, p. 137-142, 1989.
- GALVÃO, G. K. A.; BERNARDES, D. M. A organização da informação como instrumento de preservação e acesso ao Museu Virtual da Coleção Etnográfica Carlos Estevão de Oliveira. **Museologia e Patrimônio – Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio**, v. 4, n. 2, p. 131-144, 2011.
- GARCES, C. L. L. *et al.* Conversações desassossegadas: diálogos sobre coleções etnográficas com o povo indígena Ka'apor. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 12, n. 3, p. 713-734, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222017000300003>.
- GOLDSTEIN, I. S. Visible art, invisible artists? The incorporation of Aboriginal objects and knowledge in Australian museums. **Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology**, v. 10, n. 1, p. 469-493, June 2013.
- GOMES, A. O. Por uma epistemologia dos museus indígenas: temas e problemas. **Revista Antropológicas**, v. 30, n. 2, p. 05-37, 2019.
- GOMES, A. O. Porque tudo o que é coisa que está no museu é nosso! Museus indígenas, mobilizações étnicas e a Rede Indígena de Memória e Museologia Social. *In*: COSTA, A. L. A.; LEMOS, E. B. R. (orgs.). **Anais – 200 anos de museus no Brasil: desafios e perspectivas**. Brasília, DF: Instituto Brasileiro de Museus, 2018. p. 269-288.

- GOMES, A. O.; OLIVEIRA, A. A. R. A construção social da memória e o processo de ressignificação dos objetos no espaço museológico. **Museologia e Patrimônio**, v. 3, n. 2, p. 42-55, 2010.
- GOMES, A. O.; VIEIRA, J. P. A rede cearense de museus comunitários: processos e desafios para a organização de um campo museológico autônomo. **Cadernos do CEOM**, v. 27, n. 41, p. 389-414, 2014.
- GOMES, A. O.; VIEIRA NETO, J. P. Projeto Historiando: inventários participativos e musealização do patrimônio cultural em comunidades indígenas no Ceará. **Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia**, n. 8, p. 72-96, 2018.
- GONÇALVES, J. R. S. **Rediscoveries of Brazil: nation and cultural heritage as narratives**. 1989. Tese (Doutorado) – Universidade de Virgínia, Charlottesville, 1989.
- GONÇALVES, J. R. S. O templo e o fórum: reflexões sobre museus, antropologia e cultura. *In*: CHUVA, M. (org.). **A invenção do patrimônio**. Brasília, DF: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1995. p. 62.
- GONÇALVES, J. R. S. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Brasília, DF: Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1996.
- GONÇALVES, J. R. S. O patrimônio como categoria de pensamento. *In*: ABREU, R.; CHAGAS, M. S. (orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003. p. 25-33.
- GONÇALVES, J. R. S. Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios. **BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, v. 60, p. 7-26, 2005a.
- GONÇALVES, J. R. S. Os museus e a representação do Brasil. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 31, p. 254-273, 2005b.
- GONÇALVES, J. R. S. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: Brasília: Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centro Culturais, 2007.
- GONÇALVES, J. R. S.; BITAR, N. P.; GUIMARÃES, R. S. (orgs.). **A alma das coisas: patrimônios, materialidade e ressonância**. Rio de Janeiro: Mauad; Faperj, 2013.
- GONÇALVES, M. A. R.; CASTRO, M. B. A feira das yabás e o Projeto “Museu afrodigital rio: memória entre gerações nos quintais do samba da Grande Madureira”. **Outros Tempos – Pesquisa em Foco-História**, v. 15, n. 25, p. 95-107, 2018. <https://doi.org/10.18817/ot.v15i25.638>.
- GOUVEIA, I.; DODEBEI, V. Memórias de pessoas, de coisas e de computadores: museus e seus acervos no ciberespaço. **MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia**, n. 3, p. 93-100, 2007.
- GRUBER, J. Museu Magüta. **Piracema – Revista de Arte e Cultura**, p. 84-94, 1994.
- GRUPIONI, L. D. B. **Coleções e expedições vigiadas: os etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil**. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.
- GUERRA, C. B.; BENCHIMOL, A. C. Dois momentos da coleção Aparai no Museu Paraense Emílio Goeldi: Curt Nimuendajú em 1915 e Otto Schulz-Kampfenkel em 1935–37. **Museologia e Patrimônio**, v. 10, n. 2, p. 92-116, 2017.
- HEITOR, G.; CHAGAS, M. (orgs.). **O pensamento museológico de Gilberto Freyre**. Recife: Editora Massangana, 2017.
- HEITOR, G. K. Museu plebeu: digressões sobre o Museu da Beira da Linha do Coque (Recife–PE). *In*: SOARES, B. B.; BROWN, K.; NAZOR, O. (orgs.). **Defining museums of the 21<sup>st</sup> century: plural experiences**. 1. ed. Paris: ICOM/ICOFOM, 2018. v. 1, p. 99-104.



- KERSTEN, M. S. A.; BONIN, A. Para pensar os museus, ou 'Quem deve controlar a representação do significado dos outros?'. **MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia**, n. 3, p. 117-128, 2007.
- KOK, G. A fabricação da alteridade nos museus da América Latina: representações ameríndias e circulação dos objetos etnográficos do século XIX ao XXI. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 26, e06d1, 2018. <https://doi.org/10.1590/1982-02672018v26e06d1>.
- KUBRUSLY, C. Q. Katarina Real (1927–2006) e os maracatus Nação Estrela Brilhante. In: TAMASO, I. M.; LIMA FILHO, M. F. (orgs.). **Antropologia e patrimônio cultural: trajetórias e conceitos**. Brasília, DF: Associação Brasileira de Antropologia, 2012. p. 401-426.
- KUBRUSLY, C. Q. **A experiência etnográfica de Katarina Real (1927-2006): colecionando maracatus em Recife**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.
- LANGER, J.; RANKEL, L. F. Cultura material e civilização: a exposição antropológica de 1882. **Cadernos do CEOM**, v. 19, n. 24, p. 13-30, 2014.
- LERNER, K. **Memórias da dor: coleções e narrativas sobre o Holocausto**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2013.
- LIMA, D. F. C. Musealização/Patrimonialização no espaço eletrônico Museu Virtual. **Memória e Informação**, v. 3, n. 2, p. 86-105, 2019.
- LIMA, N. C. Pensando retóricas expositivas no Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). In: ABREU, R.; LIMA FILHO, M. F.; ATHIAS, R. (orgs.). **Museus e atores sociais: perspectivas antropológicas**. 1. ed. Recife: Editora UFPE; Brasília, DF: ABA Publicações, 2016. p. 135-145.
- LIMA, N. C.; LEITÃO, R. M. Patrimônio cultural Iny-Karajá e política de salvaguarda: diálogo intercultural e trabalho compartilhado. In: LIMA FILHO, M. F.; PORTO, N. (org.). **Coleções étnicas e museologia compartilhada**. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2019. p. 223-260.
- LIMA, P. E. F. À luz do presente: problemas do pensamento museológico de Gilberto Freyre. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 8, n. 16, p. 330-334, 2019. <https://doi.org/10.26512/museologia.v8i16.26203>.
- LIMA FILHO, M. F. O fluxo das coisas Karajá e a coleção William Lipkind do Museu Nacional: a construção de um diálogo intercultural. In: ABREU, R.; LIMA FILHO, M. F.; ATHIAS, R. (orgs.). **Museus e atores sociais: perspectivas antropológicas**. 1. ed. Recife: Editora UFPE; Brasília, DF: ABA Publicações, 2016. p. 171-188.
- LIMA FILHO, M. F. Coleção William Lipkind do Museu Nacional: trilhas antropológicas Brasil–Estados Unidos. **Mana**, v. 23, n. 3, p. 473-509, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1678-49442017v23n3p473>.
- LIMA FILHO, M. F.; ATHIAS, R. Dos museus etnográficos às etnografias dos museus: o lugar da antropologia na contemporaneidade. In: RIAL, C.; SCHWADE, E. (orgs.). **Diálogos antropológicos contemporâneos**. Rio de Janeiro: ABA, 2016. p. 71-83.
- LIMA FILHO, M. F.; BELTRÃO, J. F.; ECKERT, C. **Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos**. Blumenau: Nova Letra, 2007.
- LIMA FILHO, M. F.; PORTO, N. (orgs.). **Coleções étnicas e museologia compartilhada**. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2019.
- LIMA FILHO, M. F. *et al.* Interculturalidade e saberes compartilhados: estudo da Coleção William Lipkind (1938–1939) do Museu Nacional/UFRJ. In: LIMA FILHO, M. F.; PORTO, N. (orgs.). **Coleções étnicas e museologia compartilhada**. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2019. p. 43-66.
- MACHADO, M. **Antropologia digital e experiências virtuais do museu de favela**. Curitiba: Appris Editora, 2017.

- MACHADO, M.; SOARES, A. Ativação e consumo digital no Museu de Favela. **Memória e Informação**, v. 2, n. 1, p. 51-65, jan./jun. 2018.
- MACIEL, M. E.; ABREU, R. Antropologia dos museus: um campo de estudos em expansão. **Horizontes Antropológicos**, v. 25, n. 53, p. 7-15, 2019. <https://doi.org/10.1590/s0104-71832019000100001>.
- MANO, M. Inimigos, jaguares e espíritos: os outros e suas transformações. **Revista Antropológicas**, v. 30, n. 2, p. 91-119, 2019.
- MARTINEZ, P. H. The nation by the plume nature and society in the Museu do Índio (Rio de Janeiro, 1953-1957). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 20, n. 2, p. 119-149, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0101-47142012000200005>.
- MARTINS, C. D. Coleção Mario de Andrade no Museu Afrodigital – Estação Pernambuco: um estudo sobre repatriação digital de acervos. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 8, n. 16, p. 301-309, jul./dez. 2019. <https://doi.org/10.26512/museologia.v8i16.27326>.
- MARTINS, M. T. R. Ecomuseu da Amazônia: uma experiência ao serviço do desenvolvimento comunitário no município de Belém-PA. **Cadernos do CEOM**, v. 27, n. 41, p. 315-328, 2014.
- MENEZES, C. **Museu vivo**: o Museu do Índio do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: FUNAI, 1987.
- Menezes, R. C. Os objetos religiosos cabem em quais vitrines? *In*: LIMA FILHO, M. F.; PORTO, N. (orgs.). **Coleções étnicas e museologia compartilhada**. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2019. p. 102-192.
- MENEZES NETO, H.; COSTA, S. O Antropoceno no Museu do Amanhã (RJ): perspectivas críticas à exposição de longa duração. **Museologia e Patrimônio – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio**, v. 12, n. 1, p. 118-138, 2019.
- MONTECHIARE, R. Coleções e objetos em diálogo com as linguagens expositivas do museu antropológico. **Museologia e Patrimônio – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio**, v. 9, n. 1, p. 114-133, 2016.
- MONTEZ, L. B. No rastro de um colecionador incansável: alguns problemas relacionados à pesquisa sobre Johann Natterer e sua expedição científica no Brasil. **MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia**, n. 5, p. 60-79, 2011.
- MOTTA, A. Museu Afro digital. **Estudos Universitários**, v. 27, p. 225-228, 2011.
- MOTTA, A. Da África em casa à África fora de casa (Notas sobre uma exposição em trânsito). *In*: DIAS, J. B.; LOBO, A. S. **África em movimento**. Brasília, DF: Brasília, DF: ABA Publicações, 2012. p. 245-270.
- MOTTA, A. Museos y la política del reconocimiento. *In*: SANZ, N. (ed.). **Museums & Dialogue between cultures**. Mexico City: UNESCO, 2018a. p. 157-165.
- MOTTA, A. Museos. *In*: BAZTÁN, Á. A. (ed.). **Diccionario temático de antropología cultural**. Madrid: Delta Publicaciones, 2018b. p. 343-350.
- MOTTA, A. O narrador inconfiável: do museu como consagração da nação ao museu como lugar de reconstruções políticas e culturais para as diferenças. *In*: COSTA, A. L. A.; LEMOS, E. B. R. (orgs.). **Anais – 200 anos de museus no Brasil: desafios e perspectivas**. Brasília, DF: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2018c. p. 337-350.
- MOTTA, A. Memórias plurais e direitos culturais. **Outros Tempos**, v. 15, n. 25, p. 84-94, 2018d.

- MOTTA, A. Direitos culturais e ações museais. *In*: GONÇALVES, R. S.; VASSALLO, S. P. (org.). **A antropologia na esfera pública**: patrimônios culturais e museus. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2019. p. 268-261. *E-book*.
- MOTTA, A.; OLIVEIRA, L. A. Dramatização e patrimonialização de diferenças culturais: a experiência museográfica como ato performático. *In*: SANDRONI, C. (org.). **Patrimônio cultural em discussão**: novos desafios teórico-metodológicos. Recife: Editora Universitária, 2013. p. 175-193.
- MOTTA, A.; OLIVEIRA, L. A. Identidades performadas no museu: dramatização e patrimonialização de diferenças culturais numa narrativa expográfica. *In*: PONTES Jr., G.; CASTRO, M. B.; SANTOS, M. S. (orgs.). **Diálogos interdisciplinares**: literatura e políticas culturais. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014. p. 83-101.
- MOTTA, A.; OLIVEIRA, L. Cultura nas malhas da política: patrimônio, museus e o direito à diferença. **Revista Anthropológicas**, v. 26, n. 2, p. 105-133, 2015.
- MOTTA, A.; OLIVEIRA, L. Políticas da cultura na cena pública: patrimônio, museus e o direito à diferença. *In*: SOUZA LIMA, A. C.; BELTRÃO, J. F.; LOBO, A.; CASTILHO, S.; LACERDA, P.; OSÓRIO, P. (orgs.). **A antropologia e a esfera pública no Brasil**: perspectivas e prospectivas sobre a Associação Brasileira de Antropologia no seu 60º aniversário. Rio de Janeiro, Brasília: E-papers/Associação Brasileira de Antropologia, 2018. p. 467-492.
- MOUTINHO, M. C. Definição evolutiva de sociomuseologia: proposta de reflexão. **Cadernos do CEOM**, v. 27, n. 41, p. 423-427, 2014. Dossiê “Museus: pesquisa, acervo, comunicação”.
- NASCIMENTO JÚNIOR, J. Antropologia e museus: revitalizando o diálogo. *In*: ABREU, R.; CHAGAS, M. S.; SANTOS, M. S. (orgs.). **Museus, coleções e patrimônios**: narrativas polifônicas. Rio de Janeiro: Garamond Universitária; Brasília, DF: Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centro Culturais, 2007. p. 262-274.
- NOGUEIRA, N. Quebrando 200 anos de silêncio: a presença das memórias afro-brasileiras nos museus. *In*: COSTA, A. L. A.; LEMOS, E. B. R. (orgs.). **Anais – 200 anos de museus no Brasil**: desafios e perspectivas. Brasília, DF: Instituto Brasileiro de Museus, 2018. p. 298-305.
- OLIVEIRA, J. P. O retrato de um menino Bororo: narrativas sobre o destino dos índios e o horizonte político dos museus, séculos XIX e XXI. **Tempo**, v. 12, n. 23, p. 73-99, 2007. <https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000200006>.
- OLIVEIRA, J. P.; SANTOS, R. C. M. Descolonizando a ilusão museal: etnografia de uma proposta expositiva. *In*: ABREU, R.; LIMA FILHO, M. F.; ATHIAS, R. (orgs.). **Museus e atores sociais**: perspectivas antropológicas. 1. ed. Recife: Editora UFPE; Brasília, DF: ABA Publicações, 2016. p. 17-56.
- OLIVEIRA, J. P.; SANTOS, R. C. M. (orgs.). **De acervos coloniais aos museus indígenas**: formas de protagonismo e de construção da ilusão museal. João Pessoa: Editora da UFPB, 2019.
- ORTIZ, R. I. Artes, artefatos e cosmologia entre os Guarani (Nhandeva) em Dourados (MS). **Revista Anthropológicas**, v. 30, n. 2, p. 120-155, 2019.
- PAIVA, A. L. S. Museu dos Escravos, Museu da Abolição: o Museu do Negro e a arte de colecionar para patrimoniar. *In*: ABREU, R.; CHAGAS, M. S.; SANTOS, M. S. (orgs.). **Museus, coleções e patrimônios**: narrativas polifônicas. Rio de Janeiro: Garamond Universitária; Brasília, DF: Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centro Culturais, 2007. p. 203-228.
- PEREIRA, E. Exercício breve sobre a formação de series etnográficas a partir de coleções etnológicas. *In*: LIMA FILHO, M. F.; PORTO, N. (orgs.). **Coleções étnicas e museologia compartilhada**. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2019. p. 14-42.

- PINTO, R. Museus e diversidade sexual: reflexões sobre mostras LGBT e Queer. **Revista Arqueologia Pública**, v. 5, n. 1 [5], p. 44-55, 2012.
- PIRES, V. S. Para o levante da multidão, uma museologia da monstrosidade?. **Cadernos do CEOM**, v. 27, n. 41, p. 225-238, 2014.
- POMIAN, K. Coleção. **Enciclopédia Einaudi**, v. 1, p. 51-86, 1984.
- PORTILHO, A. S. O Museu de Favela e a produção do espaço no Pavão-Pavãozinho e Cantagalo (Rio de Janeiro/RJ). **Cadernos do CEOM**, v. 31, n. 49, p. 92-102, 2018.
- PORTO, N. Para uma prática curatorial comprometida com justiça social. In: LIMA FILHO, M. F.; PORTO, N. (orgs.). **Coleções étnicas e museologia compartilhada**. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2019. p. 43-66.
- RAFAEL, U. N.; MAGGIE, Y. Sorcery objects under institutional tutelage: magic and power in ethnographic collections. **Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology**, v. 10, n. 1, p. 276-342, June 2013.
- RECHENA, A. Museologia social e gênero. **Cadernos do CEOM**, v. 27, n. 41, p. 153-174, 2014.
- REIS, D. “Visite o Brasil no Museu Rossini Tavares de Lima”: embates, experimentações e exposições. In: TAMASO, I. M.; LIMA FILHO, M. F. (orgs.). **Antropologia e patrimônio cultural: trajetórias e conceitos**. Brasília, DF: Associação Brasileira de Antropologia, 2012. p. 427-466.
- RIBEIRO, R. A. **Moradas da memória: uma história social da casa-museu de Gilberto Freyre**. Brasília, DF: Instituto Brasileiro de Museus, 2008.
- RIBEIRO, T. S. D.; MOREIRA, I. C. Ecomuseu de Itaipu e Programa Cultivando Água Boa: gestão patrimonial comunitária na Bacia Paraná 3. **Cadernos do CEOM**, v. 27, n. 41, p. 289-305, 2014.
- ROCA, A. Acerca dos processos de indigenização dos museus: uma análise comparativa. **Mana**, v. 21, n. 1, p. 123-156, 2015. <https://doi.org/10.1590/0104-93132015v21n1p123>.
- ROCA, A. C. M. **Objetos alheios, histórias compartilhadas: os usos do tempo em um museu etnográfico**. Rio de Janeiro: Brasília: Ministério da Cultura; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Departamento de Museus e Centro Culturais, 2008.
- RODRIGUES, R. O. Escrita e projeto museológico: uma análise a partir do Museo Nazionale Preistorico Etnografico Luigi Pigorini di Roma. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 20, n. 2, p. 133-153, 2018. <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2018v20n2p133>.
- ROZA, L. M. Heterogeneidade temática e usos da memória de uma experiência histórica: uma visita ao Museu Digital da Memória Afro-Brasileira e Africana. **Revista História Hoje**, v. 3, n. 6, p. 223-238, 2014. <https://doi.org/10.20949/rhj.v3i6.145>.
- RUSSI, A. Coleções etnográficas, povos indígenas e práticas de representação: as mudanças nos processos museais com as experiências colaborativas. **Sociedade e Cultura**, v. 21, n. 1, p. 72-94, 2018. <https://doi.org/10.5216/sec.v21i1.54881>.
- RUSSI, A.; ABREU, R. “Museologia colaborativa”: diferentes processos nas relações entre antropólogos, coleções etnográficas e povos indígenas. **Horizontes Antropológicos**, v. 25, n. 53, p. 17-46, 2019. <https://doi.org/10.1590/s0104-71832019000100002>.
- RUSSI, A.; KIEFFER-DØSSING, A. Museums and indigenous memory: the Katxuyana’s collections and the contemporaneity of musealized material culture. **Museum and Society**, v. 17, n. 3, p. 494-509, 2019. <https://doi.org/10.29311/mas.v17i3.2980>.

- SÁ BARRETO, F.; MENEZES NETO, H.; LIMA, G. De. Museus e cultura política. *In*: ARAÚJO, B. M. *et al.* **Museologia e suas interfaces críticas [recurso eletrônico]**: museu, sociedade e os patrimônios. Recife: Editora UFPE, 2019. p. 130-146.
- SANJAD, N. Emílio Goeldi e o Museu Paraense. *In*: SANJAD, N.; VAN VELTHEM, L. H. (orgs.). **Reencontros**: Emílio Goeldi e o Museu Paraense. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2002. p. 17-21.
- SANJAD, N. **A coruja de Minerva**: o Museu Paraense entre o Império e a República (1866-1907). Brasília, DF: Instituto Brasileiro de Museus; MPEG; Fiocruz, 2010.
- SANSI-ROCA, R. De armas do fetichismo a patrimônio cultural: as transformações do valor museográfico do Candomblé em Salvador da Bahia no século XX. *In*: ABREU, R.; CHAGAS, M. S.; SANTOS, M. S. (orgs.). **Museus, coleções e patrimônios**: narrativas polifônicas. Rio de Janeiro: Garamond Universitária; Brasília, DF: Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centro Culturais, 2007. p. 95-112.
- SANSONE, L. **Memórias da África**: patrimônios, museus e políticas das identidades. Salvador: EDUFBA, 2012.
- SANSONE, L. Challenges to digital patrimonialization: heritage.org/ digital Museum of African and Afro-Brazilian Memory. **Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology**, v. 10, n. 1, p. 343-386, Jan./June 2013. <https://doi.org/10.1590/S1809-43412013000100015>.
- SANTOS, M. S. **História, tempo e memória**: um estudo sobre museus a partir da observação feita no Museu Imperial e no Museu Histórico Nacional. 1989. Dissertação (Mestrado) – Instituto Universário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 1989.
- SANTOS, M. S. Os museus brasileiros e a constituição do imaginário nacional. **Sociedade e Estado**, v. 15, n. 2, p. 271-302, 2000.
- SANTOS, M. S. Políticas da memória na criação dos museus brasileiros. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 19, n. 19, 2002.
- SANTOS, M. S. Museu Imperial: a construção do Império pela República. *In*: ABREU, R.; CHAGAS, M. (orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003. p. 115-135.
- SANTOS, M. S. Os conflitos entre natureza e cultura na implementação do Ecomuseu Ilha Grande. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 12, p. 381-400, 2005a. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702005000400020>.
- SANTOS, M. S. Representations of black people in Brazilian museums. **Museum and Society**, v. 3, n. 1, p. 51-65, 2005b.
- SANTOS, M. S. **A escrita do passado em museus históricos**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária; Brasília: Ministério da Cultura; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Departamento de Museus e Centro Culturais, 2006.
- SANTOS, M. S. Museu digital da memória afro-brasileira: algumas questões *In*: MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS. **O caráter político dos museus**. Rio de Janeiro: MAST, 2010. v. 12, p. 75-88.
- SANTOS, M. S. Museu digital da memória afro-brasileira: um ato de resistência. *In*: SANSONE, L. (org.). **A política do intangível**: museus e patrimônios em nova perspectiva. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 277-293.
- SANTOS, R. C. Becos e vielas do Museu de Favela. **Cadernos do CEOM**, v. 27, n. 41, p. 329-336, 2014.
- SANTOS, R. C. M. Um antropólogo no museu: Edgar Roquette-Pinto e o exercício da antropologia no Brasil nas primeiras décadas do século XX. **Horizontes Antropológicos**, n. 53, p. 283-315, 2019.

- SCARPELLI, C. D. B. **Marcas da clandestinidade**: memórias da ditadura militar brasileira. 2009. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- SCHRÖDER, P. Curt Nimuendajú e os museus etnológicos na Alemanha. **Revista Antropológicas**, v. 22, n. 1, p. 141-160, 2012.
- SCHWARCZ, L. K. M. O nascimento dos museus brasileiros, 1870–1910. In: MICELI, S. (org.). **História das ciências sociais no Brasil**. São Paulo: Finep: Vértice, 1989. v. 1.
- SCHWARCZ, L. K. M. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870–1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SHEPARD JR., G. H. *et al.* Objeto, sujeito, inimigo, vovô: um estudo em etnomuseologia comparada entre os Mebêngôkre-Kayapó e Baniwa do Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 12, n. 3, p. 765-787, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222017000300006>.
- SILVA, A. L. Quando as musas vestem o hábito: diálogo entre antropologia, museologia e história à soleira dos museus missionários. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 4, n. 7, p. 91-111, 2015. <https://doi.org/10.26512/museologia.v4i7.16775>.
- SILVA, J. B. Museus digitais: desafios e disputa por memórias. In: FURTADO, C. A.; SANSONE, L. (org.). **Lutas pela memória em África**. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 69-92.
- SILVA, R. M.; JANUÁRIO, R. Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro. **Cadernos do CEOM**, v. 27, n. 41, p. 415-420, 2014.
- SILVA, F. A.; GORDON, C. Anthropology in the museum: reflections on the curatorship of the Xikrin Collection. **Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology**, v. 10, n. 1, p. 425-468, June 2013.
- SILVA, T. C. Musealização de eventos críticos: análise da tensão entre múltiplas narrativas da dor. In: TAMASO, I. M.; LIMA FILHO, M. F. (org.). **Antropologia e patrimônio cultural**: trajetórias e conceitos. Brasília, DF: Associação Brasileira de Antropologia, 2012. p. 497-526.
- SIMÃO, M. S. **Museu, memória e cultura afro-brasileira**. Brasília, DF: Instituto Brasileiro de Museus, 2018.
- SOARES, B. B. Os mitos do ecomuseu: entre representação e a realidade dos museus comunitários. **Revista Musas Revista Brasileira de Museus e Museologia**, n. 6, p. 30-47, 2014.
- SOARES, B. B. A invenção do ecomuseu: o caso do Écomusée du Creusot Montceau-les-Mines e a prática da museologia experimental. **Mana**, v. 21, n. 2, p. 267-295, 2015. <http://doi.org/10.1590/0104-93132015v21n2p267>.
- SOARES, M. C.; AGOSTINHO, M. B. A coleção ovimbundu do Museu Nacional, Angola 1929-1935. **Mana**, v. 22, n. 2, p. 493-518, 2016. <https://doi.org/10.1590/1678-49442016v22n2p493>.
- SOARES, M. C.; AGOSTINHO, M. B.; LIMA, R. C. **Conhecendo a exposição Kumbukumbu do Museu Nacional**. Rio de Janeiro: Museu Nacional; UFRJ, 2016.
- SOARES, M. C.; LIMA, R. C. A africana do Museu Nacional: história e museologia. In: AGOSTINI, C. (org.). **Objetos da escravidão**: abordagens sobre a cultura material da escravidão e seu legado. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013. p. 337-360.
- SOUZA LIMA, A. C. **Os museus de história natural e a construção do indigenismo**. Notas para uma sociologia das relações entre campo intelectual e campo político no Brasil. **Revista de Antropologia**, v. 30/32, p. 277-329, 1989.
- SOUZA LIMA, A. C.; BELTRÃO, J. F.; LOBO, A.; CASTILHO, S.; LACERDA, P.; OSÓRIO, P. (orgs.). **A antropologia e a esfera pública no Brasil**: perspectivas e prospectivas sobre a Associação Brasileira de Antropologia no seu 60º aniversário. Rio de Janeiro: E-papers; Brasília, DF: Associação Brasileira de Antropologia, 2018.

- SPERB, A. T.; HANSEN, P. R. S. A continuidade do Museu de Rua. **Cadernos do CEOM**, v. 27, n. 41, p. 251-271, 2014.
- STOCKING, G. W. Essays on museums and material culture. In: STOCKING, G. W. **Objects and others: essays on museums and material culture**. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1985. p. 3-14.
- TAMASO, I. M.; GONÇALVES, R. S.; VASSALLO, S. P. (org.). **A antropologia na esfera pública: patrimônios culturais e museus**. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2019. *E-book*.
- TAMASO, I. M.; LIMA FILHO, M. F. (orgs.). **Antropologia e patrimônio cultural: trajetórias e conceitos**. Brasília, DF: Associação Brasileira de Antropologia, 2012.
- TOLENTINO, A.; FRANCH, M. **Espaços que suscitam sonhos: narrativas de memórias e identidades no Museu Comunitário Vivo Olho do Tempo**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.
- VALDIVIESO, S. C.; LIMA FILHO, M. F. (orgs.). Apresentação ao Dossiê: Coleções Etnográficas e Processos Museológicos. **Revista Antropológicas**, v. 30, n. 2, p. 1-4, 2019.
- VAN VELTHEM, L. H. A coleção etnográfica do Museu Paraense Emílio Goeldi: memória e conservação. **MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia**, v. 1, n. 1, p. 121-134, 2004.
- VAN VELTHEM, L. H. O objeto etnográfico é irredutível? Pistas sobre novos sentidos e análises. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 7, n. 1, p. 51-66, 2012.
- VAN VELTHEM, L. H.; BENCHIMOL, A. Museus, coleções, exposições e povos indígenas. **Em Questão**, v. 24, n. 2, p. 468-486, 2018. <https://doi.org/10.19132/1808-5245242.468-486>.
- VAN VELTHEM, L. H.; KUKAWKA, K.; JOANNY, L. Museus, coleções etnográficas e a busca do diálogo intercultural. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 12, n. 3, p. 735-748, 2017. <https://doi.org/10.1590/1981.81222017000300004>.
- VAQUINHAS, I. Museus do feminino, museologia de gênero e o contributo da história. **MIDAS – Museus e Estudos Interdisciplinares**, n. 3, 2014. <https://doi.org/10.4000/midas.603>.
- VELOSO JÚNIOR, C. R. Índice de objetos, índice de histórias: o catálogo geral das coleções de antropologia e etnografia do museu nacional. **Ventilando Acervos**, v. 1, p. 71-89, 2019.
- VIDAL, L. B. O museu dos povos indígenas do Oiapoque – Kuahí. Gestão do patrimônio cultural pelos povos indígenas do Oiapoque, Amapá. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, supl. 7, p. 109-115, 2008. <https://doi.org/10.11606/issn.2594-5939.revmaesupl.2008.113500>.
- VIDAL, L. B. Kuahí: the indians of the Lower Oiapoque and their museum. **Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology**, v. 10, n. 1, p. 387-423, June 2013.
- VEIRA, A. C. P. Maré: casa e museu, lugar de memória. **MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia**, n. 3, p. 153-160, 2007.
- VEIRA, M. A. N. Dja Guata Porá: o rio indígena que desaguou no MAR. **Horizontes Antropológicos**, v. 25, n. 53, p. 227-256, 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832019000100009>.
- VEIRA, M. C. A Exposição Antropológica Brasileira de 1882 e a exibição de índios botocudos: performances de primeiro contato em um caso de zoológico humano brasileiro. **Horizontes Antropológicos**, v. 25, n. 53, p. 317-357, 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832019000100012>.

## Resumo

*Interconectividades: antropologia & museus, um campo em movimento*

Este artigo se propôs a revisar a produção antropológica sobre museus nos últimos dez anos (2009–2019) e se estrutura em sete tópicos. O primeiro tópico focaliza a reaproximação da antropologia com os museus, tendo como ênfase mudanças operadas ao longo do tempo, a considerar os museus como um lócus privilegiado da diversidade sociocultural no país. O segundo tópico trata do período de expansão do campo museal com base na criação de políticas culturais favoráveis e dada criação de novos cursos de museologia e de condições que permitiram a consolidação de uma produção de conhecimento sistemática sobre antropologia e museus. O terceiro tópico focaliza a importância do diálogo estabelecido entre antropologia, museologia e áreas afins voltadas para o entendimento dos museus como fenômenos socioculturais relevantes. O quarto tópico busca revisitar, situar e contextualizar cronologicamente, ao longo das últimas décadas, diferentes narrativas sobre o campo da antropologia dos museus, dialogando com tentativas de balanços anteriores. O quinto tópico examina a produção dos últimos dez anos, buscando estabelecer interconexões temáticas com o conjunto da produção analisada. O sexto tópico analisa tendências recentes, identificando rupturas e continuidades, e o sétimo e último tópico sugere novas tendências de abordagem temáticas.

**Palavras-chave:** Antropologia e museus; Pesquisa qualitativa; Interdisciplinaridade; Novas tendências.

## Abstract

*Interconnectivities: anthropology & museums, a field in motion*

This article aimed to review the anthropological production about museums in the last ten years (2009–2019). The article is structured around seven topics. The first focuses on the approximation of anthropology with museums, emphasizes the changes that have occurred over time, and considers museums as a privileged place of socio-cultural diversity in the country. The second analyzes the period of expansion of the museum's field based on the creation of favorable cultural policies and the creation of new courses in museology and conditions that allowed the consolidation of a systematic knowledge production about anthropology and museums. The third focuses on the importance of the dialogue established between anthropology, museology, and related areas. The fourth topic seeks to revisit, situate, and contextualize chronologically, over the past decades, different narratives about the field of museum anthropology, dialoguing with attempts at previous assessments. The fifth topic, examines the production of the last ten years, seeking to establish thematic interconnections with the set of analyzed production. The sixth topic analyzes recent trends, identifying breaks and continuities, while the last suggests new trends in thematic approaches.

**Keywords:** Anthropology and museums; Qualitative research; Interdisciplinarity; New tendencies.

## Résumé

*Interconnectivités: anthropologie et musées, un domaine en mouvement*

Cet article présente une analyse de la production anthropologique sur les musées au cours des dix dernières années (2009–2019). L'article est structuré autour de sept thèmes: le premier vise à rapprocher l'anthropologie et les musées, en mettant l'accent sur les changements opérés au fil des ans, considérant les musées comme un lieu privilégié de diversité socioculturelle dans le pays. Le second traite de la période d'expansion du domaine muséal depuis la création de politiques culturelles favorables et la création de nouveaux cours de muséologie et de conditions qui ont permis la consolidation d'une production systématique de connaissances sur l'anthropologie et les musées. Le troisième met l'accent sur l'importance du dialogue établi entre l'anthropologie, la muséologie et les domaines connexes visant à comprendre les musées comme des phénomènes socioculturels pertinents. Le quatrième thème vise à revisiter, situer et contextualiser chronologiquement, au cours des dernières décennies, différents récits sur le domaine de



l'anthropologie dans les musées, en dialoguant avec les tentatives d'évaluations précédentes. Le cinquième thème examine la production des dix dernières années, cherchant à établir des interconnexions thématiques avec l'ensemble de la production analysée. Le sixième thème analyse les tendances récentes, identifiant les ruptures et les continuités, tandis que le dernier thème suggère de nouvelles tendances dans les approches thématiques.

**Mots-clés :** Anthropologie et musées ; Recherche qualitative; Interdisciplinarité; De nouvelles tendances.

